

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE TURISMO E HOTELARIA
CURSO DE TURISMO

MARLLON FRANKLIN PINHEIRO ALVES

A VIOLÊNCIA URBANA NO CENTRO HISTÓRICO DE SÃO LUÍS – MA:
desafios e ameaças no setor turístico

São Luís - MA

2018

MARLLON FRANKLIN PINHEIRO ALVES

A VIOLÊNCIA URBANA NO CENTRO HISTÓRICO DE SÃO LUÍS – MA:
desafios e ameaças no setor turístico

Monografia apresentada à Universidade Federal do Maranhão como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Turismo.
Orientador (a): Prof.^a Ma.. Maria da Graça Reis Cardoso.

São Luís - MA

2018

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Núcleo Integrado de Bibliotecas/UFMA

Alves, Marllon Franklin Pinheiro.

A VIOLÊNCIA URBANA NO CENTRO HISTÓRICO DE SÃO LUÍS MA :
desafios e ameaças no setor turístico / Marllon Franklin
Pinheiro Alves. - 2018.

65 f.

Orientador(a): Maria da Graça Reis Cardoso.

Monografia (Graduação) - Curso de Turismo, Universidade
Federal do Maranhão, São Luís - MA, 2018.

1. Medo social. 2. Turismo. 3. Violência. I.
Cardoso, Maria da Graça Reis. II. Título.

MARLLON FRANKLIN PINHEIRO ALVES

**A VIOLÊNCIA URBANA NO CENTRO HISTÓRICO DE SÃO LUÍS – MA:
DESAFIOS E AMEAÇAS NO SETOR TURÍSTICO**

Monografia apresentada à Universidade Federal do Maranhão como requisito para a obtenção do título de bacharel em Turismo.
Orientador (a): Prof.^a Ma. Maria da Graça Reis Cardoso.

Aprovado em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Ma. Maria da Graça Reis Cardoso (Orientadora)
Mestra em Educação
Universidade Federal do Maranhão

Prof.^a Dr.^a Conceição de Maria Belfort de Carvalho
Doutora em Linguística e Língua Portuguesa
Universidade Federal do Maranhão

Prof.^a Dr.^a Kláutenys Dellene Guedes Cutrim
Doutora em Linguística e Língua Portuguesa
Universidade Federal do Maranhão

Este trabalho é dedicado a todos os participantes que cooperaram direta ou indiretamente com esta pesquisa, aos professores e amigos, e a todos que sentem-se oprimidos pela realidade violenta e possuem desejo de mudança.

O que fazemos por nós, morre conosco.
O que fazemos pelos outros permanece, e se torna
imortal. – Albert Pine

RESUMO

O presente trabalho tem por temática o turismo e a violência urbana, objetivando demonstrar a importância da segurança dentro da esfera turística. A atividade denominada Turismo, sob o enfoque da teoria de sistemas, agrega diversos serviços e outras atividades, as quais se complementam e correlacionam-se, formando outros sistemas menores, entre os quais estão as ações de segurança pública. Nesse sentido, o subsistema atua de forma corretiva ou preventiva, a favor da população (permanente ou temporária), o espaço em que se encontram e seu patrimônio físico, tendo como diretriz minimizar ocorrências (violentas ou não-violentas). Para a construção da base teórica, foram tomados autores como Beni (2000), Cazal (2002), Krug e Dahlberg (2007), Minayo (2007) e Petrocchi (2001), além de dados obtidos através de bases de publicações e anuários de órgãos nacionais e internacionais, como Ministério do Turismo do Brasil (MTur), Organização Mundial do Turismo (OMT), Organização Mundial da Saúde (OMS), Organização das Nações Unidas (ONU). Concomitantemente, foi desenvolvido questionário online com perguntas abertas e fechadas acerca da percepção do visitante quanto à segurança do Centro Histórico de São Luís. Foram alcançados mais de oitenta respondentes, os quais contribuíram para conhecer o perfil do visitante e seus olhares quanto à (in) segurança do local. Os dados foram analisados por métodos qualitativos e quantitativos, os quais revelaram, na pesquisa bibliográfica, que existe certa preocupação científica e governamental acerca do fenômeno da violência e como preveni-la; e no questionário aplicado, que o Centro Histórico da capital do Maranhão é visto, ainda que de forma não unânime, como um espaço que não inspira sensação de segurança e confiança.

Palavras-chave: Turismo, Violência, medo social.

ABSTRACT

The present work has the theme of tourism and urban violence, aiming to demonstrate the importance of safety within the tourist sphere. The activity called Tourism, under the focus of systems theory, aggregates several services and other activities, which complement and correlate, forming other smaller systems, among which are public security actions. In this sense, the subsystem acts in a corrective or preventive manner, in favor of the population (permanent or temporary), the space in which they are located and their physical patrimony, with the directive of minimizing occurrences (violent or non-violent). For the construction of the theoretical basis, authors were taken as Beni (2000), Cazal (2002), Krug and Dahlberg (2007), Minayo (2007) and Petrocchi (2001), in addition to obtained data through publication bases and annuals of national and international organs, as Ministry of tourism of Brazil (Mtur), World Tourism Organization (OMT), World Health Organization (WHO), United Nations (UN). Concomitantly, an online questionnaire was developed with open and closed questions about the visitor's perception of the security of the historical center of São Luís. More than 80 respondents were reached, who contributed to know the visitor's profile and their views regarding the (in) security of the site. The data were analyzed by qualitative and quantitative methods, which revealed, in the bibliographic research, that there is a certain scientific and governmental concern about the phenomenon of violence and how to prevent it; And in the applied questionnaire, that the historical center of the capital of Maranhão is seen, albeit in a non-unanimous way, as a space that does not inspire a sense of security and confidence.

Keywords: Tourism, Violence, Social fear.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 Diagrama de Ishikawa do SISTUR de Beni.....	15
Figura 2 Modelo ecológico de compreensão do fenômeno da violência.....	25
Figura 3 Organograma da tipologia da violência.....	28
Figura 4 Atos de criminalidade contra turistas.....	40
Figura 5 Crimes ocorridos na cidade de São Luís.....	53
Figura 6 Estatísticas de CVLI.....	54

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 Comparativo entre acepções do modelo ecológico entre autores.....	26
--	----

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 Sexo dos participantes da pesquisa.....	49
Gráfico 2 Idade dos participantes da pesquisa.....	49
Gráfico 3 Locais onde residem os respondentes.....	50
Gráfico 4 Grau de escolaridade.....	50
Gráfico 5 Raça/Cor.....	50
Gráfico 6 Frequência no local estudado.....	51
Gráfico 7 Sensação de segurança no local.....	51
Gráfico 8 Sentimentos negativos e seus graus.....	52
Gráfico 9 Sentimentos positivos vivenciados.....	52

LISTA DE SIGLAS

CVLI – Crimes Violentos Letais Intencionais

DO – Diário Oficial

GPI – Global Peace Index

MTUR – Ministério do Turismo

OMS – Organização Mundial da Saúde

OMT – Organização Mundial do Turismo

ONU – Organização das Nações Unidas

SCIELO - Scientific Electronic Library Online

SDG – Sustainable Development Goals

SISTUR – Sistema de Turismo de Mário Carlos Beni

UNWTO - World Tourism Organization

WHO – World Health Organization

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	14
2. A VIOLÊNCIA SOB O ENFOQUE HISTORIOCIENTÍFICO	20
2.1 TIPOLOGIA E MODELO ECOLÓGICO DAS VIOLÊNCIAS	24
2.2 VIOLÊNCIA: TEORIAS E FORMAS	29
2.3 VIOLÊNCIA URBANA E TURISMO.....	33
3. NA ESFERA TURÍSTICA	38
4. METODOLOGIA	46
5. RESULTADOS E DISCUSSÕES	49
5.1 PERFIL DOS PARTICIPANTES.....	49
5.2 PERCEPÇÃO DE SEGURANÇA NO CENTRO HISTÓRICO.....	51
5.3 NÚMEROS DA VIOLÊNCIA NA CIDADE.....	53
6. CONCLUSÃO	55
REFERÊNCIAS	57
APÊNDICE.....	60
ANEXO.....	66

1. INTRODUÇÃO

O fenômeno turístico tem-se desenvolvido de acordo com a necessidade daqueles que buscam certos tipos de lazer encontrados fora sua zona de conforto, ou seja, a demanda, o que contribui para o adquirir de informações do *trade* turístico quanto à satisfação do turista, adaptando e inovando o leque de oportunidades para a oferta de mercado.

Isso implica que o turismo mescla diversas nuances agregadas a outras atividades, sendo uma forma de aumentar as possibilidades de oferta aos viajantes, uma vez que a demanda cresce seu interesse em opções cada vez mais diferenciadas, exigindo uma série de benefícios (e serviços) para a realização de suas expectativas.

Dessa forma, o mercado se apresenta para os potenciais turistas de modo segmentado, cada fração tendo características próprias e agregando uma gama de serviços que visam tanto a satisfação daqueles que o recebem quanto à receita gerada pelo mesmo. De acordo com dados do Ministério do Turismo (MTUR, 2010), o comportamento do consumidor está em constante mudança, o que afeta suas motivações de viagem. Isso reflete no mercado, que, para atender o turista, transforma-se e constrói novas possibilidades. O Ministério do Turismo do Brasil reconhece segmentos de mercado variados, os quais atendem a demandas específicas, sendo as tipologias prioritárias as seguintes:

Turismo Cultural, Turismo de Pesca, Turismo Rural, Turismo Social, Ecoturismo, Turismo de Aventura, Turismo Náutico, Turismo de Sol e Praia, Turismo de Estudos e Intercâmbio, Turismo de Negócios e Eventos, Turismo de Esportes, Turismo de Saúde (MTUR, 2010, p. 75).

Apesar dessa diversidade, é preciso salientar que cada um desses segmentos possui serviços que visam o ápice de satisfação do cliente desse mercado, o turista. Como exemplos temos as cadeias de restaurantes, serviços de hospedagem, transportes públicos e privados (como táxis e serviços de aplicativos, além dos especializados receptivos e emissivos), guias de turismo, linhas aéreas, entre outros.

O MTur justifica esse enriquecimento da oferta quando afirma que “[...] a segmentação da oferta turística passa a ser importante critério no processo de elaboração de uma estratégia para desenvolver o turismo em uma localidade, com vistas a atrair e agradar os diferentes perfis de visitantes (MTur, 2010, p. 11).

Em seu livro *Análise Estrutural do Turismo*, o professor doutor Mário Beni (2000) traz a aplicação da Teoria Geral de Sistemas na esfera turística, formando assim o

chamado SISTUR (Sistema de Turismo). Considerando o mesmo como sistema aberto (Beni, 2000) o autor coloca que o mesmo não pode ser considerado autossuficiente, criando conexões com o meio em que se encontra. Petrocchi (2001) esquematiza o Sistema de Turismo utilizando-se do diagrama de Ishikawa (ou diagrama espinha de peixe/causa e efeito):

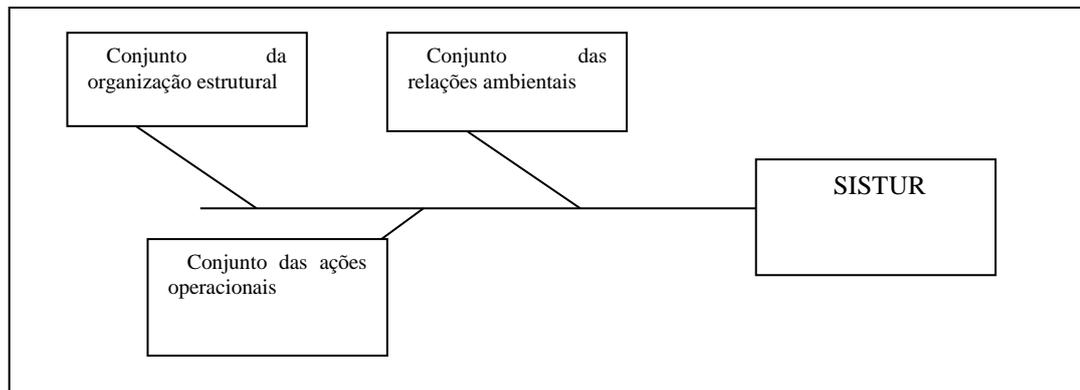


Figura 1 Diagrama de Ishikawa do SISTUR de Beni (2000); Adaptado de Petrocchi (2001)

Os conjuntos supracitados, extraídos de seus estudos sobre a *teoria de sistemas*, a qual advém do campo matemático aplicada ao turismo, são de suma importância para compreender um espaço e lançá-lo como destino receptor para o mercado, uma vez que várias propriedades, serviços e caracteres estão inseridos nos mesmos (Petrocchi, 2001). O autor reitera que “o sistema de turismo [...] tem seu desempenho dependente dos desempenhos de cada uma das partes que o compõe” (Ob. cit., p. 28).

O autor afirma que os gestores da atividade turística devem conhecer e compreender o alcance da mesma, em sua real dimensão, afim de identificar os processos que a formam, uma vez que a compreensão destas são inerentes ao delineamento de estratégias que desenvolvam plenamente o espaço para o recebimento de visitantes (Petrocchi, 2001).

Quando enfatizamos a importância dessa informação, além do reconhecimento de propriedades multidisciplinares atribuídas em um destino, estamos a nos referir à consequência feliz da gestão eficiente: o turismo como atividade sofre impactos positivos, e os serviços agregados têm ganhos econômicos mais significativos. E, não menos importante, a satisfação do turista e seu bem-estar, que reforça o sucesso dos gestores em garantir que o destino visitado é de fato bem-sucedido e propício à consolidação.

Todavia, o cenário brasileiro possui intermitências e desníveis quanto à qualidade dos destinos turísticos: enquanto alguns estão emergindo ou mantendo-se estáveis, outros mostram-se em declínio ou tornaram-se obsoletos e insalubres. Apesar dos esforços dos órgãos públicos relacionados ou claramente incumbidos da área turística, e levando em

consideração os esforços privados para com a qualidade nos serviços de atendimento, a realidade na gestão do turismo como setor não tem sido holística, mesmo em um momento em que são aplicadas estratégias para sanar gargalos insurgentes.

Levando em consideração os estudos e pesquisas aplicadas pelos autores supracitados, além do órgão regulador do turismo no Brasil, é possível afirmar que os processos de gestão inteligente em áreas agregadas ao turismo (ou elementares ao sistema) devem ser imprescindíveis no garantir da saúde social dos moradores do destino em si. Podemos citar a saúde, saneamento, segurança, acessibilidade, transporte e educação, tendo, apesar de indireta, uma significativa influência na esfera do turismo em seus diversos níveis, uma vez que tal é considerada subsistema de infraestrutura e agregada como serviço no SISTUR (Beni, 2000).

Notada a deficiência em um desses setores, haverá reflexo direto na qualidade da viagem dos considerados auditores em tempo integral (Petrocchi, 2001). Reincidirá também nos processos sociais e qualidade de vida dos residentes do destino receptor. Podemos citar como exemplo os surtos de febre amarela ocorridos recentemente nas regiões Sudeste e Centro-Oeste do Brasil ocasionando episódios em outras regiões, além da dengue, *zika* vírus e febre *chicungunya* ainda presentes, que podem afetar a tomada de decisão de um potencial turista.

Esta problemática, cuja origem é natural, afeta o dia a dia da população e causa mudanças na urbe, principalmente nas relações sociais e comportamento humano. Pode incidir também em locais onde ocorrem práticas de recreação, uma vez que atividades ao ar livre geralmente devem ser evitadas nestes casos, e tais áreas sofrem visitação descontinuada. Nessas situações, o governo age no combate aos transmissores das doenças infecciosas, além da distribuição dos paliativos (vacinas), tendo o fluxo da cidade seu retorno à normalidade.

Considerando as diretivas do turismo na utilização de espaços urbanos e, se tratando do Brasil, sítios históricos, o MTur traz o seguinte conceito acerca de patrimônio, o qual auxilia no conhecer do locus da pesquisa, o Centro Histórico de São Luís, com título de Patrimônio Cultural da Humanidade. Assim conceitua patrimônio cultural:

A Constituição Federal define o que é patrimônio cultural brasileiro no Capítulo III Da Educação, da Cultura e do Desporto, Seção II Da Cultura, Art. 216: Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, dos quais se incluem: I – as formas de expressão; II – os modos de criar, fazer e viver; III – as

criações científicas, artísticas e tecnológicas; IV – as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais; V – os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico. (MTUR, 2010, p. 10).

A cidade de São Luís, tombada como Patrimônio Cultural da Humanidade pela UNESCO, é rica em prédios históricos (3500, aprox.) que abrigam anos de história e cultura passadas de geração a geração, e tudo isso faz parte da identidade cultural dos nativos maranhenses. O conjunto arquitetônico datado entre os séculos XVII e XIX passou por severo processo de revitalização, objetivando o uso público dos prédios e maior saneamento, além das possibilidades de venda do local como produto turístico. Adquirindo em 1997 o título de Patrimônio Cultural da Humanidade, ganhou visibilidade internacional e maior importância acadêmica, uma vez que atrai também pesquisadores de diversas áreas.

Santos (2016) traz valorosa contribuição em suas acepções acerca do local, afirmando que:

O conjunto das áreas tombadas, que corresponde à versão ampla do Centro Histórico tem 220 hectares, agrupando mais de 3.500 imóveis. Esse número deve ser comparado ao número dos imóveis construídos com materiais duráveis no início do século XIX: 1.553 casas “sólidas”, em 1808; 2.764, em 1856 (UNESCO, p17.). O local é formado de conjuntos homogêneos de arquitetura civil, remanescentes dos séculos XVIII e XIX, com muitos destes alocando atualmente empresas e prestadoras de serviços que atendam às necessidades turísticas da região. (SANTOS, 2016, p. 13)

Desta forma, o presente trabalho visa abordar um dos atributos inseridos no subsistema de infraestrutura supracitado: a segurança. Ao considerarmos as fundamentações teóricas que permeiam a área de pesquisa do Turismo, podemos encontrar a segurança como foco indireto e não-destacado, apesar de haver pesquisas e publicações que confirmem esta como um fator considerado no destino, procurado pelos potenciais viajantes na divulgação (sua efetividade no espaço turístico) e sincronizado às estratégias do mercado turístico.

A abordagem dessa pesquisa culmina em identificar a incidência da violência, ou seja, *insegurança*, em seus diferentes níveis dentro do Centro Histórico da cidade de São Luís, trazendo à luz seus impactos ao bem-estar social, levando em consideração que o mesmo possui fluxo de atividade turística. Trazemos também dados acerca dos órgãos de segurança pública da cidade, além de informações acerca de estratégias para sanar os problemas que ocorrem devido à violência na área turística [através de diferentes autores].

Apesar de haver um estigma no tratar deste assunto, é possível perceber que muitos destinos possuem traços de diferentes tipos de violência, os quais podem (ou não) ser ignorados pelos governantes, população, ou turistas. Em destinos receptores a violência urbana, uma tipologia desse crime, é mais recorrente e tem-se tornado uma grande problemática, enquanto o terrorismo (advindo do crime organizado) acontece também em pontos de conflito político/civil ao redor do globo.

O supracitado crime urbano é diferente do chamado crime organizado ou terrorismo, tipologias mais abrangentes da violência, e afeta o dia-a-dia da população, pois ocorre a transeuntes (aqui englobam-se turistas). Situações como roubos, furtos, assaltos à mão armada, agressões físicas/verbais, latrocínio, entre outros, são crimes inseridos na esfera de violência urbana.

Considerar o assunto segurança pública é também abordar o outro lado, a violência e o medo social, os quais afetam a qualidade de vida e o comportamento da população, assim como reflete na qualidade dos serviços oferecidos a ambas pessoas (residentes ou não-residentes). É importante pois verificar as estratégias dos órgãos de segurança pública para sanar e/ou minimizar a incidência infeliz, diária, e cada vez mais crescente desses casos.

Os objetivos gerais do presente trabalho visam demonstrar a importância do *subsistema de segurança pública* na esfera do turismo pela relação entre a urbe e a violência, ou seja, observar de que forma a insegurança pública interfere na busca de lazer dos visitantes e/ou turistas.

Os objetivos específicos consistem em analisar principalmente discussões acerca da violência e suas interações com o turismo, explanando a respeito da violência e suas tipologias, além de identificar suas possíveis influências no fenômeno do turismo; considerar a opinião pública dos visitantes do Centro Histórico de São Luís acerca da insegurança no local, e finalmente, compreender os desafios para a gestão do turismo quanto a estratégias de minimização e as possíveis ações que podem ser aplicadas.

Como metodologia utilizamos de pesquisa primariamente qualitativa, sob utilização de ferramentas quantitativas para melhor compreensão dos dados obtidos. A pesquisa foi feita através de questionário online, no qual foram colocadas treze questões objetivas acerca da opinião dos visitantes do Centro Histórico. A pesquisa abrangeu um universo de 94 pessoas, tendo entre 87 e 94 questionários respondidos por completo.

Através do método de pesquisa bibliográfica foi possível conceituar a atividade turística e o fenômeno da violência, no qual foram usados documentos internacionais, artigos,

teses e livros acerca das temáticas empreendidas, os quais também foram tomados para justificar a importância do estudo feito para melhor compreender determinados fatores dentro da esfera do turismo, além de corroborar com a produção do questionário aplicado.

O presente trabalho segue uma linha introdutória acerca dos aspectos históricos da violência e seus processos, utilizando-se de enfoque científico para enfatizar os estudos acerca do fenômeno. É também trazido o aspecto da violência como problema de saúde pública, com inferências a documentos que possam contribuir para a resolução ou diminuição das tipologias de violência e os possíveis ambientes indutores. Por fim, é trazida a abordagem dentro da esfera turística, de forma a traçar o paralelo entre os fenômenos.

A pesquisa desenvolvida revelou-se deveras substancial, de confronto ao senso comum, no qual a violência é considerada um objeto de estudo não rebuscado ou contraproducente no âmbito científico, apesar do número de discussões acerca da mesma avançar pelo mundo desde meados da década de 1980. Reconhecemos aqui esta temática como tabu, por envolver muitos fatores subjetivos, porém, continuar tais discussões na academia podem – e devem – ser ponderadas pelo *trade* e mercado turístico, de forma a propiciar aos clientes (turistas, visitantes e população local) experiências mais positivas.

2. A VIOLÊNCIA SOB O ENFOQUE HISTORIOCIENTÍFICO

Podemos considerar que o processo da violência, em sua forma genérica, ocorreu paralelamente aos processos civilizatórios, construindo assim a sociedade que nos encontramos. Os acontecimentos registrados através das artes rupestres encontradas ao redor do mundo e representadas por diferentes povos e etnias demarca quão antigos são estes processos, tendo diferentes significados dentro de suas culturas.

Lessa (2004) destaca essa questão quando traz que:

A frequência, a intensidade e a forma dos conflitos entre sociedades pré-históricas, analisadas principalmente a partir da década de 1980, têm sido relacionadas aos processos de produção de bens e a outras exigências relativas à sobrevivência. (LESSA, 2004, p. 284)

Considerando que a pesquisa e investigação acerca dos processos de violência é recente do ponto de vista histórico, Lessa (2004, p. 280) coloca que a mesma é “[...] um fenômeno que acompanha o homem desde o alvorecer da espécie, parecendo constituir elemento inerente à vida em sociedade”. Cazal (2002, p. 36) anui desta ideia, trazendo à luz discussões sobre a natureza humana, evidenciando que “[...]Se entiende que la naturaleza misma del hombre es, en alguna medida, violenta y que la violencia cotidiana que se vive, tiene mucho que ver con la sociedad misma”.

Minayo (2009, p. 22) considera que “[...] Violência não é um problema médico típico, é, fundamentalmente, um problema social que acompanha toda a história e as transformações da humanidade”.

Gomez et al (2016) em sua pesquisa acerca do mapeamento filogenético de mamíferos concluiu que traços filogenéticos herdados de humanos ancestrais podem carregar propensão à violência, levando em consideração o comportamento social e territorialidade destes indivíduos. O autor afirma em sua pesquisa que tal comportamento contribuiu para o nível de violência letal encontrada em humanos, e conclui:

Our analysis of human lethal violence shows that lethal violence in prehistoric humans matches the level inferred by our phylogenetic analyses, suggesting that we were, at the dawn of humankind, as violent as expected considering the common mammalian evolutionary history. (GOMEZ et al, 2016, p. 3)

Para embasar suas acepções, os autores compilaram dados de mais de 600 populações e sociedades humanas do Paleolítico até o presente, através de vários meios, como relatórios bioarqueológicos e paleo-osteológicos, dados etnográficos, anuários estatísticos,

etc. Martin e Harrold (2015) apud Gómez et al (2016) consideram difícil definir o nível de violência letal a partir dos ossos, uma vez que ferimentos mortais podem não afetá-los. No entanto a equipe da pesquisa, utilizando-se dos anuários, pôde fazer uma análise mais acurada. Consideraram também a margem de erro às estatísticas, pois tais sociedades travavam guerras em campos de batalha, o que demonstra uma discussão mais cultural e behaviorista, diferindo de seus métodos.

Através de análise iconográfica, isto é, a interpretação de figuras da arte rupestre ou da decoração em cerâmica, é possível afirmar também que a violência pode ser primariamente considerada como um mecanismo de defesa dos primeiros seres da cadeia evolutiva do homem. Sendo assim, o homem primitivo utilizava de sua força bruta para a manutenção de sua vida, mas também através da atividade de caça predatória para retirar seu sustento da natureza, encontrar abrigo ou participar de combates.

Considerando a defesa pessoal citada anteriormente, agrega-se tal força na submissão de seus iguais, uma vez que haviam diversos conflitos por território para caça ou estabelecimento. O homem primitivo, tal qual o homem moderno, utilizou de sua inteligência para produzir armas e ferramentas que o auxiliassem no seu cotidiano, além de estratégias de batalha que garantissem suas vitórias, este tendo diversas dificuldades ao longo do dia.

Neste momento podemos lembrar que, como representado nas paredes de cavernas e diversos materiais artísticos feitos durante as eras, o homem primitivo usava sua força para lutar por alimento (este sendo talhado e cortado pelos instrumentos criados principalmente a partir de pedras) como também usava de tal aspecto físico para sacrificar seus iguais como instinto de sobrevivência ou conflito entre grupos - mesmo que fosse ao preço de tomar determinado espaço de forma voraz. Esses interesses geravam turbulências que afetavam o dia a dia da sociedade primitiva, alimentando possíveis situações que requeriam uso da violência (Lessa, 2004).

Tendo tal comparação histórica em mente, aqui inclusas para maior clarificação da temática, podemos recordar as diversas guerras através dos tempos, que passaram a adquirir – de forma mais proeminente - aspecto conquistador, ideológico ou político, em suma construído sobre divergências e a custo de vidas civis. A guerra é o ápice da violência, uma vez que destoa de todo direito do ser humano à vida; ela também agride de forma avassaladora os aspectos biológicos, ambientais e sociais das localidades, direta ou indiretamente. Fergusson (1984) apud Lessa (2004) considera a guerra um fenômeno organizado por meio de ação grupal que busca antagonizar outro grupo, este podendo ou não corresponder ao ato, no qual pode envolver uso potencial ou concreto de força letal (sendo a

guerra um tipo de agressão). Podemos, por associação, inferir que agressão e violência são correlatas.

Rocha (1996) apud Levisky (2010) conceituam violência, afirmando que a mesma:

[...] sob todas as formas de suas inúmeras manifestações, pode ser considerada como uma vis, vale dizer, como uma força que transgride os limites dos seres humanos, tanto na sua realidade física e psíquica, quanto no campo de suas realizações sociais, éticas, estéticas, políticas e religiosas. Em outras palavras, a violência, sob todas as suas formas, desrespeita os direitos fundamentais do ser humano, sem os quais o homem deixa de ser considerado como sujeito de direitos e de deveres, e passa a ser olhado como um puro e simples objeto. (ROCHA, 1996apud LEVISKY, 2010, p. 6-7)

Neste sentido, os autores permeiam os limites entre ser humano e desumano, ao colocar entre os mesmos uma linha tênue, na qual sua ruptura tem o poder de chocar a sociedade onde o fato ocorre. A violência desumaniza o homem de maneira que ele se torna “objeto”, mas também devido a essa usurpação de outrem (a considerar o tipo de violência) o praticante é considerado bestial. Lessa (2004) considera humanamente antagônico o uso da violência contra seus iguais, quando exemplifica o flagelo e diferentes rituais entre os povos. No entanto, incentiva pesquisadores a considerar o *ethos* do povo estudado (ob. cit., p. 282).

Sobre o conceito supracitado, o autor nos informa que violência é evidenciada como traço genético herdado através dos anos, além de ser culturalmente transmitida entre gerações - considerações a serem relevadas (Levisky, 2010). Dessa forma ele retorna ao fator histórico ao afirmar:

O desenvolvimento da civilização em seu processo histórico mostra que as transformações tecnológicas, ambientais, filosóficas, psicológicas, econômicas, religiosas influenciam e contribuem para a modificação e o surgimento de novos circuitos biológicos, psicológicos e sociais. (LEVISKY, 2010, p. 7).

Aqui suas colocações permeiam o abrangente fenômeno da globalização, este que alterou significativamente os processos mercadológicos e as relações entre os países, causando grandes impactos na economia global e até mesmo evidenciando as disparidades socioeconômicas dos mesmos, alterando diversas dinâmicas comunicacionais, sociais, tecnológicas e trabalhistas.

Lessa (2004) explora essa contextualização quando afirma que:

Apesar de sua persistência ao longo do tempo, as motivações, o impacto, o entendimento e a aplicação da violência mudaram muito no decorrer da trajetória humana, estando sempre intimamente relacionados ao contexto histórico e geográfico dos grupos sociais. (LESSA, 2004, p. 281)

Retornando à discussão essencial da violência sob o olhar científico, não podemos deixar de traçar paralelos entre a violência e o crime, este sendo um fator confundível do ato violento. Black (1979) apud Pizam (2010, p. 5) define crime como “*an act committed or omitted in violation of a law forbidding or commanding it*”. Ou seja, o crime nada mais é que a violação da lei vigente em determinado Estado de direito. Como visto anteriormente, o ato que constitui violência fere o direito do ser humano enquanto pessoa civil, configurando-se *crime violento* caso ocorra uso de força.

Black (1979) apud Pizam (2010, p. 5) traz violência como “an unjust or unwarranted exercise of force, usually with the accompaniment of vehemence, outrage or fury”. Os autores levantam tais conceitos, ainda afirmando que a violência é sim considerada ato criminoso, o que nos leva a um conceito cíclico.

Para Rosa (2003) apud Santos; Silva (2006) a criminalidade pode ser classificada como desvio de conduta e comportamento, em detrimento da vigência de normas sociais e seus costumes. À menção de comportamento e costumes, é trazido o aspecto psicológico do ato. Os autores também afirmam que “do ponto de vista lógico-jurídico, pode ser vista como um exemplo característico de comportamento reprovado pelo grupo e para os quais a organização de Estado adota medidas punitivas [...]” (SANTOS; SILVA, 2003, p. 2).

Os autores tomam como exemplo o Código de Direito Brasileiro, quando afirmam que neste documento, crime “[...] “é todo ato comissivo ou omissivo previsto na lei penal e que nesta recebe o tratamento de punição”” (ob. cit.,2006, p. 2), os quais entram em consonância com as afirmativas de Black (1979) abordados por Pizam (2010).

Conforme Minayo (2009), a Organização Mundial da Saúde (OMS/WHO) passou a dar mais ênfase no tratar das questões relativas a violência já no início do século XXI, levando em consideração que reconheceu a violência como um problema de saúde pública mundial (WHO, 2002, p. 2). Antes disso, tais questões eram abordadas apenas em análises, sugestões paliativas ou mesmo classificação superficial de seus efeitos. Foi então no ano referenciado que o órgão adotou uma definição dessa problemática:

[...] uso intencional da força física ou do poder real ou em ameaça, contra si próprio, contra outra pessoa, ou contra um grupo ou uma comunidade, que resulte ou tenha qualquer possibilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação (WHO, 2002, p. 4, tradução nossa).

Álvarez (1988) apud Casal (2002, p. 36) traz um conceito com muitas semelhanças ao adotado pelo órgão, onde é demonstrado, com palavras mais suavizadas à

leitura, que a violência impede o ser humano de ter vida social ativa, e traz o enfoque da mortalidade quando trata do aspecto biológico.

“Violencia es todo atentado o ataque promovido por los hombres contra sus semejantes que perturbe sus intereses legítimos, disminuya o paralice su derecho a vivir, de progresar, de poseer, de disfrutar de los elementos naturales que limitadamente necesita para subsistir biológica y socialmente” (ÁLVAREZ, 1988 apud CAZAL, 2002, p. 36)

2.1 TIPOLOGIA E MODELO ECOLÓGICO DAS VIOLÊNCIAS

Como vimos anteriormente, a violência tem sido uma constante na evolução humana, num processo intrínseco entre o aprender a ser social e as consequências comportamentais deste aprendizado. As sociedades ao redor do globo possuem esse aspecto comum: suas formações dependeram do clima, da vegetação, da abundância ou escassez de alimentos, das necessidades fisiológicas, etc.; mas paralelamente, as ações tomadas eram inspiradas por conflito, e este conflito revelava-se de forma violenta.

No entanto, como afirma Cazal (2002, p. 36) “[...] hay muchos tipos de violencia, en general todos ellos entremezclados, pero con una raíz”. Insinua que a raiz da violência está no ser humano e sua necessidade de viver, de *ser social* (ob. cit., p. 37). O autor, afim de introduzir a temática, afirma que as causas da violência se inserem em quatro âmbitos, de acordo com o modelo ecológico de causas da violência, sendo eles o âmbito pessoal, o *microambiente*, o *exoambiente* e o *macroambiente*.

No relatório desenvolvido pela Organização Mundial da Saúde (WHO, 2002), *World report on violence and health* (ou Informe Mundial sobre Violência e Saúde), tais âmbitos (ou ambientes) também são abordados. Segundo o órgão, “sua força está no fato que esta ajuda a distinguir entre a miríade de influencias nas [diferentes formas de] violência enquanto, ao mesmo tempo, provê uma estrutura que permite entender como elas interagem (WHO, 2002, p. 9, tradução nossa).

O denominado modelo ecológico (utilizado primariamente na pesquisa acerca do desenvolvimento humano e infantil) demonstrou-se efetiva ferramenta na ilustração das facetas da violência (Dahlberg; Krug, 2007). De acordo com os autores, “O modelo explora a relação entre os fatores individuais e contextuais e considera a violência como produto dos múltiplos níveis de influência sobre o comportamento” (Ob. cit. p. 1172).

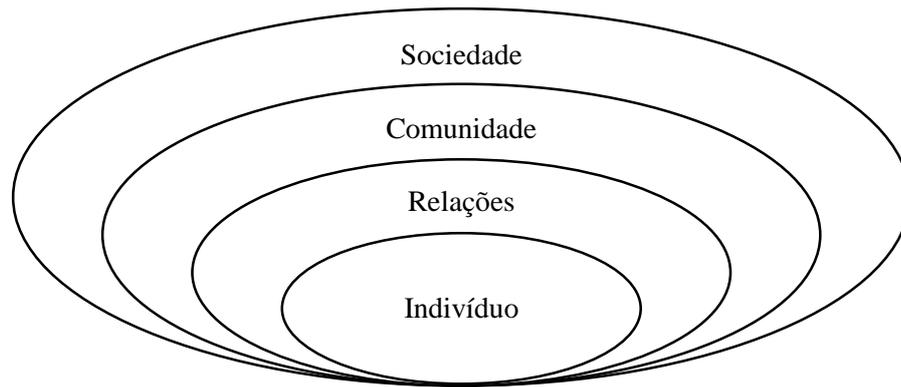


Figura 2 Modelo ecológico de compreensão do fenômeno da violência (Adaptado)

Os autores abordam conceitos e exemplos em cada um destes âmbitos, de forma que haja clareza na base comum para o estudo dos diferentes tipos de violência. No primeiro nível do modelo, é estudado, em resumo, o perfil demográfico e biológico da possível vítima ou agressor. Porém, os dados mais importantes são de natureza comportamental do indivíduo como agressividade, uso de substâncias psicoativas, histórico pessoal, nível educacional, etc. (Dahlberg e Krug, 2007, p. 1173).

No segundo nível, o modelo passa a estudar o ambiente em que este indivíduo interage socialmente, ou seja, suas relações com amigos, familiares, pessoas próximas, cônjuges ou parceiros; e se tais relacionamentos influenciam positiva ou negativamente o comportamento humano. Dahlberg e Krug, (2007, p. 1173) afirmam que “[...] os companheiros, os parceiros íntimos e os membros da família têm o potencial de moldar o comportamento do indivíduo e o âmbito de sua experiência”.

No terceiro nível, o ambiente em que o sujeito vive e interage, ou seja, o contexto comunitário no qual está inserido, é utilizado para traçar possíveis características que possam influir nas possibilidades entre ser vítima ou agressor. Os autores exemplificam:

Um alto nível de mobilidade residencial (em que as pessoas não permanecem por muito tempo numa mesma residência, mas se mudam com frequência), heterogeneidade (população altamente diversificada, com pouco do adesivo social que mantém as comunidades unidas) e alta densidade populacional são exemplos daquelas características, e cada uma delas tem sido associada à violência. (DAHLBERG e KRUG, 2007, p. 1173).

Os autores também trazem como indicativo deste terceiro âmbito o tráfico de drogas, isolamento social e níveis elevados de desemprego no exoambiente, o qual pode demonstrar altos níveis de violência. Como dito por Minayo (2009), as pesquisas realizadas em cidades diversas e suas comunidades demonstram uma constante, onde a ‘naturalização

das desigualdades' propicia o surgimento de atos violentos. (ob. cit., p. 32). A isso ela denomina violência estrutural, que

Diz respeito às mais diferentes formas de manutenção das desigualdades sociais, culturais, de gênero, etárias e étnicas que produzem a miséria, a fome, e as várias formas de submissão e exploração de umas pessoas pelas outras. Mais cruel é a violência que mantém a miséria de grande parte da população do país. (MINAYO, 2009, p. 32).

Por fim, o quarto nível do modelo ecológico de causas da violência busca estudar fatores mais determinantes da violência dentro de determinada sociedade. Fatores estes que podem criar um **clima aceitável** (grifo nosso) à violência, que causa diminuição nas inibições contra ela, e que podem criar ou aumentar segregações entre grupos ou até Estados. Segundo os autores, os fatores podem ser também

1) normas culturais que sustentam a violência como forma aceitável para resolver conflitos; 2) atitudes que consideram o suicídio como uma questão de escolha individual em vez de um ato de violência evitável; 3) normas que dão prioridade aos direitos dos pais sobre o bem-estar da criança; 4) normas que fixam o domínio masculino sobre as mulheres e crianças; 5) normas que apoiam o uso excessivo da força pela polícia contra os cidadãos; 6) normas que apoiam o conflito político. (DAHLBERG e KRUG, 2007, p. 1173).

De forma mais resumida, Cazal (2002, p. 36) comenta sobre tal nível, afirmando que “[...] El macroambiente, es el que se suele tomar de referencia para analizar la violencia y toma aspectos de lo político, de lo económico, de lo cultural, de lo social.”. Do mesmo modo como o terceiro nível está conceitualmente ligado à violência estrutural, o quarto nível o segue, uma vez que “[...] estão também incluídos entre os fatores relevantes da sociedade as políticas de saúde, educacionais, econômicas e sociais que mantêm altos níveis de desigualdade econômica ou social entre grupos”. (DAHLBERG e KRUG, 2007, p. 1173), assim voltando à concepção de Minayo (2009) acerca da violência estrutural.

A partir desse modelo, há uma maior clarificação a respeito das conexões e influências entre os indivíduos que compõe determinado grupo social, e seu entorno. Duque (1999) citado por Cazal (2002 p. 36) considera que diferentes tipos de violência influenciam umas às outras, o que tange ao ambiente em que se manifestam. Os ambientes do modelo podem ser compatibilizados da seguinte forma:

Modelo ecológico de causas da violência	
Pessoal	Indivíduo
Microambiente	Relações
Exoambiente	Comunidade
Macroambiente	Sociedade

Tabela 1 Comparativo entre aceções de Duque apud Cazal (2002) e Dahlberg e Krug, (2006)

Dahlberg e Krug (2007) buscaram demonstrar, através de três categorias, determinadas características que perfilam àqueles que cometem algum ato violento. Tais são denominadas violência autodirigida, violência interpessoal e violência coletiva (p.1166). Estas nomenclaturas são explicadas no extirpe seguinte:

A categorização inicial estabelece uma diferença entre a violência que uma pessoa inflige a si mesma, a violência infligida por outro indivíduo ou por um pequeno grupo de indivíduos e a violência infligida por grupos maiores, como estados, grupos políticos organizados, grupos de milícia e organizações terroristas. (DAHLBERG E KRUG, 2007, p. 1166).

Coelho et al (2014) acredita que essa tipologia pode nos auxiliar a encontrar o cerne do fenômeno para sua compreensão, pois aborda a importância social, a natureza violenta dos atos, as relações interpessoais e por fim as motivações que levam a tais atos. (p. 13). No entanto, as autoras reconhecem que este é apenas um passo numa caminhada à compreensão dos fatos, pois:

Essa tipologia, longe de ser universalmente aceita, fornece uma estrutura útil para se compreender os complexos padrões de violência que ocorrem no mundo, bem como a violência na vida diária das pessoas, das famílias e das comunidades. (Coelho et al, 2014, p. 13)

Os estudiosos que trouxeram à pauta as tipologias as definem numa tentativa de elucidar a violência. A primeira, violência autodirigida, é dividida em duas categorias: comportamento suicida e agressões auto infligidas, nas quais incluem tendências psicológicas ao suicídio, e no segundo caso, tendências à automutilação (Dahlberg e Krug, p.1166). Sobre a violência interpessoal, consideram-na violência de família ou parceiros íntimos, e também sob a categoria violência na **comunidade** (grifo nosso). Sobre o terceiro tipo, os autores são objetivos, onde afirmam que “Violência coletiva acha-se subdividida em violência social, política e econômica” (Dahlberg e Krug, 2009, p. 1166), estes podendo ter uma gama de motivações. De forma clara, os autores colocam que as subcategorias dessa violência, ao contrário das outras duas tipologias

[...] sugerem possíveis motivos para a violência cometida por grandes grupos ou por países. A violência coletiva cometida com o fim de realizar um plano específico de ação social inclui, por exemplo, crimes carregados de ódio, praticados por grupos organizados, atos terroristas e violência de hordas. A violência política inclui a guerra e conflitos violentos a ela relacionados, violência do estado e atos semelhantes praticados por grandes grupos. A violência econômica inclui ataques de grandes grupos motivados pelo lucro econômico, tais como ataques realizados com o propósito de desintegrar a atividade econômica, impedindo o acesso aos serviços essenciais, ou criando divisão e fragmentação econômica. (DAHLBERG E KRUG, 2007, p. 1166).

Coelho et al (2014) utiliza-se de termos semelhantes, onde afirma que nesta ocorre dominação de grupos e também do Estado. Para as autoras, uma característica dessa tipologia é o aniquilamento de povos e nações. (ob. cit., p. 13). O organograma a seguir ilustra as conexões entre as tipologias, e o nível de violência entre estas categorias e subcategorias.

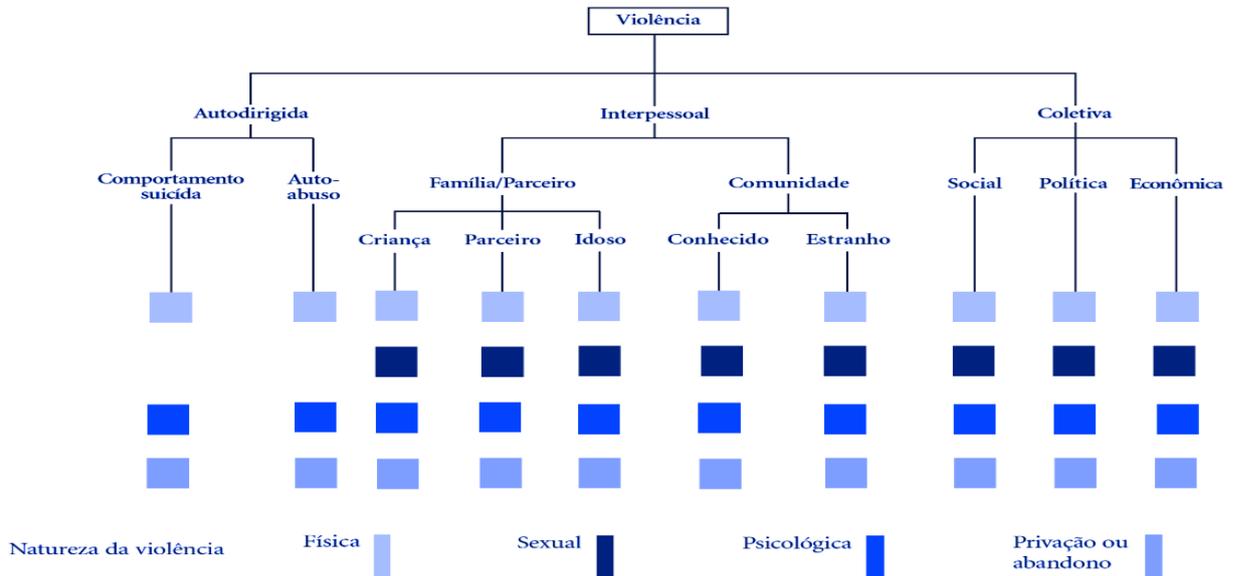


Figura 3 Organograma da tipologia da violência (adaptado de WHO, 2002)

De acordo com Duque (1999) apud Cazal (2002), palestrante do *Seminário Internacional sobre Prevenção Temprana de la Violencia*, evento cujo objetivo era compreender ou resolver as questões de violência pessoal ou aquelas inseridas no microambiente, a violência nestes âmbitos é fruto do crime organizado e da denominada violência comum, “la que a su vez comprende la violencia verbal, la violencia física sin arma, la violencia física con arma, El homicidio, suicidio, la violencia doméstica y la violencia sexual.” (CAZAL, 2002, p. 36).

Utilizar o termo ‘violência comum’ demonstra uma usualidade assustadora no que tange ao social, e subtulado a ele estão suas diferentes manifestações, a maioria destas consideradas crime em todo o mundo. Carneiro (1992) citado por Lessa (2004) considera agressão a manifestação da violência física. A autora chega a afirmar que nos estudos arqueológicos o tipo mais comum seria a violência interpessoal, podendo estar no âmbito supracitado.

Continuando no eixo de pesquisa de Cazal, pode-se deduzir também que a chamada ‘violência comum’ está presente na realidade urbana de cidades do mundo inteiro, ainda que a causa seja diferente. O autor coloca possíveis determinantes nas quais a violência

surge. Porém, as mesmas dependem do âmbito em que estão inseridas para ter sua tipologia determinada. Para ele:

La violencia en los individuos suele desarrollarse por etapas, presentando aumentos y descensos a ciertas edades, con determinantes básicos como la situación económica, social, escolar, religiosa, física (hormonal) y familiar, cultural, el fenómeno psicológico. Desde la infancia, y aún, para algunos investigadores, desde la gestación, o desde la adolescencia se perfilan conductas proclives a la violencia, dependiendo del comportamiento social de los individuos. (CAZAL, 2002, p. 36)

O fenômeno da violência pode se manifestar indiferente ao nível social do indivíduo, uma vez que determinadas tipologias são mais **comuns** às classes baixas, enquanto outras à classe média/alta (Minayo, 2009, grifo nosso). A autora, acerca do estigma que acompanha as pessoas em detrimento de seu *status quo*, exprime:

É uma falsa ideia achar que os pobres são mais violentos. Pobreza não é sinônimo de violência e prova disso é que, se fosse o caso, os estados, as cidades e os bairros brasileiros mais pobres estariam em pé de guerra e quase metade da população viveria em estado de revolta contra os mais ricos. Mas isso não ocorre. (MINAYO, 2009 p. 24)

A abordagem das classes sociais por Minayo e suas inferências sobre ricos e pobres remetem às afirmações de Cazal (2002) acerca do modelo capitalista, onde ele enfatiza que:

Sería absurdo suponer que la violencia aparece y se desarrolla en el capitalismo. No. La violencia es un fenómeno casi connatural al ser humano, y ha permanecido con él desde sus orígenes, simplemente estas reflexiones sobre violencia las ubico en un marco socio-histórico determinado. (CAZAL, 2002, p. 39)

Paixão (1988) apud Azevedo (2003) categorizam como infundada a acepção na qual a criminalidade e pobreza são correlatas. Para Azevedo (ob. cit. p. 22) há um aspecto ideológico implícito o qual não se faz eficiente, uma vez que o comportamento, ética e moral dos pobres urbanos mostram-se socialmente aceitos e elevados, respectivamente. A maioria dessas pessoas “opta pela adoção de padrões normais de comportamento e repudia moralmente a criminalidade. Este pensamento remete ao imaginário singular coletivo que constrói-se a despeito do crescimento da violência, imaginário este que reforça estereótipos e necessita ser contraposto e/ou desconstruído.

2.2 VIOLÊNCIA: TEORIAS E FORMAS

Muitos dos autores supracitados trazem em suas obras uma gama de nomenclaturas acerca da violência, diferenciada pelo tipo de agressor, tipo de vítima e, não

menos importante, o ambiente nos quais estão inseridos. Os ambientes, como estudados por Cazal (2002) e Dahlberg e Krug (2007), vão desde o nível primeiro, onde o indivíduo é estudado, passando pelo segundo, onde suas relações são minuciadas, até que culmina na exploração da comunidade em que estes vivem e por fim nos aspectos subjetivos sob quais a comunidade se encontra.

De acordo com Rezende e Sacramento (2006), o termo violência é utilizado em diversas situações, sem que haja necessariamente uma semelhança nos mesmos. A natureza dessa palavra é polissêmica, ou seja, pode representar diferentes coisas em diferentes contextos da sociedade ao qual se insere. (p. 96). O *ethos* da sociedade pode ditar o que é ou não violência (LESSA, 2004, p. 282).

Podemos exemplificar essa afirmação nos contextos de diversas tribos indígenas, ameríndias, aborígenes, assim como antigas civilizações latino-americanas ou européias, nos quais os rituais litúrgicos não eram considerados violência. Os ritos constituem sim uma forma de agressão, mas do ponto de vista de fora. Lessa (2004) alude a esses pontos, e questiona se tais atos não são apenas manifestação de uma violência implícita. A autora, com tais debates internos, conclui que “[...] a subjetividade dessas questões não traz a necessidade de descaracterização da violência nas ações praticadas nesse contexto, mas obriga a uma reflexão do seu significado para a sociedade estudada. (LESSA, 2004, p. 282).

Considerando a contemporaneidade, que tipo de violências se perpetuam e ainda coexistem dentro do *ethos* atual? A Organização Mundial da Saúde (WHO, 2002) utiliza em seu relatório as três categorias posteriormente mencionadas dentro da tipologia da violência. Assim como utiliza do método ecológico para conceder um melhor entendimento da violência, através da análise de possíveis padrões. Sobre isto, é afirmado que “o modelo auxilia no examinar de fatores que influenciam o comportamento – o qual aumenta o risco de cometer um ato ou ser uma vítima da violência – através da divisão deles em quatro níveis (WHO, 2002, p. 9, tradução nossa).

Apesar da eficácia de ambas ferramentas no estudo das formas e dos ambientes da violência, a organização pontua que é necessária uma ação em todos os níveis simultaneamente para preveni-la de forma significativa. (WHO, 2002, p. 10). O relatório foi produzido afim de ser utilizado em diferentes países, pelos responsáveis na tomada de decisão acerca da saúde e políticas públicas a nível nacional, além daqueles que trabalham no âmbito da saúde pública a nível local, estes vivenciando de perto as necessidades e problemas de determinadas comunidades. (Ibid, p. 3, tradução nossa). Nele é trazido o objetivo geral da publicação, no qual o órgão também encoraja a busca de informações e a tomada de ação.

The purpose of the first World report on violence and health is to challenge the secrecy, taboos and feelings of inevitability that surround violent behaviour, and to encourage debate that will increase our understanding of this hugely complex phenomenon. (WHO, 2002, p.3)

O relatório produzido pelo órgão no ano de 2002 traz as formas de violência, denominando-as como: violência interpessoal, juvenil, por parceiros íntimos, abuso infantil e negligência por parte de adultos responsáveis ou pais, abuso de idosos, violência sexual, auto infligida, e coletiva [terrorismo] (WHO, 2002). Autores como Casal (2002) citam como formas a violência econômica, política e social; Rezende e Sacramento (2006) lembram da violência contra a mulher, violência intrafamiliar, física e conjugal. Outros termos encontrados durante a leitura, e que podem servir de sinônimos aos supracitados, são: violência criminal, doméstica, estrutural, violência simbólica, violência eleitoral, *locational violence* e *touristic violence*.

Paviani (2016) relata que nomenclar tais formas é problemático, uma vez que elas têm propósito de compreender e analisar o fenômeno (ibid. p. 11). Contribuindo na contagem de formas de violência, o autor afirma que

Na realidade, essa relação apenas tem um objetivo didático, isto é, a possibilidade de ver melhor o fenômeno. Assim, temos a guerra, a revolução, o terrorismo, o genocídio, o assassinato, o crime organizado, a violência urbana, a violência contra a criança, contra o adolescente, contra a mulher; o estupro, o assédio sexual, o bullying, o vandalismo. Também podemos acrescentar a corrupção como forma de violência e seus derivados como nepotismo, propina, extorsão, tráfico de influência e outras modalidades. (PAVIANI, 2016, p. 11)

Dentre estas, algumas podem ser consideradas categorias ou conjuntos, uma vez que uma série de atos podem configurar um termo mais abrangente. Como exemplo temos a violência intrafamiliar, que pode ser subdividida entre violência conjugal, violência por parceiros íntimos, negligência para com crianças ou idosos, etc. Coelho et al (2014) afirma que a violência pode ser classificada por meio da natureza de seus atos. De acordo com as autoras, na “[...] área da saúde ela [a violência] geralmente é dividida em quatro modalidades de expressão, denominadas abusos ou maus-tratos: física, psicológica, sexual e a que envolve abandono, negligência ou privação de cuidados”. (COELHO et al, 2014, p. 14).

O fenômeno da violência, sob toda sua problemática, é abordado também através de alguns campos de estudo por meio de teorias. Tais teorias podem advir do campo filosófico e/ou científico, sob diferentes níveis (Paviani, 2016). Sob o enfoque científico, uma teoria pode levar a diversas teorias de outros campos. Paviani (ibid, p. 11) afirma que “são

mencionadas, entre outras, as teorias sociológicas, psicológicas, psicanalíticas, biológicas, jurídicas e feministas”.

Pela abordagem biológica, é trazida a seguinte constatação:

É possível falar, numa teoria biológica, a violência que teria como âmbito a agressão como resultado do instinto de superação dos conflitos na luta pela sobrevivência. Para Cesare Lombroso (1836-1909), a herança biológica explica o comportamento agressivo. (PAVIANI, 2016, p. 11)

O autor exemplifica a pesquisa científica da violência pelos campos psicológico e psicanalítico, o que, no entanto, toca no aspecto biológico do problema, uma vez que discussões acerca de mente e corpo tendem à consonância. Ao abordar tal ótica, o autor afirma que

Há as teorias psicofísicas que afirmam que substâncias químicas ou elementos psicológicos, drogas, punições, ódio, stress estão na origem da violência. Nesse campo, dezenas de teorias específicas podem descrever e analisar a origem e as situações de violência. (Ibidem, p. 11)

Nossa investigação acerca da violência e suas formas culmina em um enfoque para com a violência urbana, esta que ocorre dentro de cidades, sejam elas pequenas, metrópoles ou megalópoles. Cazal (2002, p. 33) considera que a violência básica [que seria a violência inerente a pessoas e locais] está inserida em todos os níveis do modelo ecológico. Isso implica que a violência urbana desponta-se no *exo* e *macro* ambientes (níveis Comunidade e Sociedade). O autor também considera a violência comum arraigada na violência estrutural (ibid., p. 33). Minayo (2006) apud Coelho et al (2014) afirma que os diferentes tipos de violência têm raiz comum nesta supracitada, e concordam em suas afirmações quando dizem que

Esse tipo de violência é entendido como aquele que oferece um marco à violência do comportamento e aplica-se tanto às estruturas organizadas e institucionalizadas da família como aos sistemas econômicos, culturais e políticos que conduzem à opressão de grupos, classes, nações e indivíduos, aos quais são negadas conquistas da sociedade, tornando-os mais vulneráveis que outros ao sofrimento e à morte. (COELHO et al. 2018, p. 14)

A Organização Mundial da Saúde (WHO), através de seu relatório, concluiu que, para abordar o fenômeno é preciso que haja uma mobilização conjunta, mas que, principalmente, depende de participação política (WHO, 2002, p. 35). Dahlberg e Krug (2007, p. 1174) consideram que “[...] O modelo ecológico tem uma dupla utilidade a esse respeito: cada nível no modelo representa um grau de risco e pode ser visto como ponto-chave para intervenção”, sendo elas:

Analisar os fatores de risco individuais e tomar medidas para modificar os comportamentos individuais de risco; – Influenciar as relações individuais próximas e criar ambientes familiares saudáveis, assim como fornecer ajuda profissional e apoio para famílias desintegradas; – Monitorar espaços públicos, como escolas, locais de trabalho e bairros, e tomar medidas para enfrentar problemas que possam levar à violência; – Analisar a desigualdade de gênero e atitudes e práticas culturais diferentes (DAHLBERG e KRUG, 2007, p. 1174).

2.3 VIOLÊNCIA URBANA E TURISMO

Como discutido nos parágrafos anteriores, existe um enraizamento da violência na psique e comportamento humanos, assim como nos processos sociais, institucionais e, englobando a todos estes, no âmbito estrutural. Este âmbito discute as regras sociais e a construção dessas, de forma a justificar determinados pontos pelos quais a violência tende a ocorrer. Se tratando de fenômenos complexos como o turismo e a violência, é preciso discutir a questão urbana e abordar as origens de sua construção, seja ela tangente ou subjetiva.

Os processos civilizatórios que culminam na formação de determinada sociedade, seu comportamento, cultura e relações, necessitam de um espaço propício para sua consolidação. Neste sentido, pode-se sopesar o modernismo e a economia globalizada como incentivadores do caminhar ‘civilizatório’ atual, no qual determinadas sociedades pertencentes a países em desenvolvimento ‘copiam’ o comportamento e práticas de países ‘desenvolvidos’ (CAZAL, 2002, p. 40).

Neste sentido, Minayo (2009) e Cazal (2002) compartilham de semelhante pensamento ao propor as desigualdades sociais – e aqui englobam-se subjetivamente as questões econômicas, políticas e culturais – como possíveis agravantes na manifestação da violência. Cazal (2002, p. 39) remete à história e suas diferentes épocas, onde “[...] las etapas primitivas, esclavistas, feudales de las sociedades generaron tipos diferentes de violencia, que de acuerdo con las hipótesis tendrían su propia dinámica”.

Cazal (2002) traz as discussões acerca do capitalismo ao cerne, no qual acredita ser condicionado à desigualdade, e vice versa, onde “o princípio da desigualdade é uma condição *sinequa non* para o bom avanço do sistema capitalista e portanto da sociedade” (ob. cit., p. 38, tradução nossa). O formato ‘produtor capitalista + força de trabalho vendida’ não beneficia o meio de produção, onde o autor conclui que o capitalismo possui fundações em elementos extremamente agressivos, “não só a agressividade física, mas sim de comportamento, de pensamento, de visão” (ibid. p. 38, tradução nossa).

O autor considera tais questões como formadoras da gênese da violência, uma vez que a imposição deste modelo econômico se traduz de forma injusta para com países em

desenvolvimento, como por exemplo, causando diminuição da qualidade de vida da população mundial [sendo, de fato, contraproducente à propaganda do consumismo arraigada ao capitalismo]. Afirma também que “[...] esta situación es potencialmente generadora de violencia en la medida en que provoca reacciones de sectores afectados por medidas arbitrarias. Esto en el ámbito externo, pero internamente las condiciones también son problemáticas. (CAZAL, 2002, p. 38).

Por motivos de contextualização, devemos lembrar que a economia é um fator relevante nas questões que tangem à violência, principalmente ao considerarmos a aplicação de modelos e doutrinas econômicos em países cuja estruturação social seja problemática. Cazal enfatiza isto ao afirmar que “[...] o modernismo mal aplicado em sociedades **primitivas** gera grandes desequilíbrios sociais” (ibid., 2002, p. 39, tradução e grifo nossos). No entanto, as questões relativas às doutrinas liberais e neoliberais, quais são consideradas por Cazal (2002, p. 38) como permissivas da acumulação de capital de grandes empresas, e por Ferraz et al (2017, p. 3) como indutoras de disparidades socioeconômicas e exclusão social, aqui se inserem meramente em caráter contextual.

Sudbrak (2010) se faz incisiva quando coloca que o modelo no qual a sociedade brasileira foi formada é composta por expressiva disparidade econômica, limitado acesso à justiça, e [principalmente] do distanciamento social. Através dessa crítica, infere também que esse “[...] é um sistema complexo e relacional de hierarquias que transformam em naturais as brutais desigualdades de classe, cor, gênero, sexualidade, dentre outras. (SUDBRAK, 2010, p. 120).

A autora também considera o aumento da violência urbana dentro da sociedade brasileira uma das maiores preocupações do âmbito social nos últimos vinte anos, exemplificando esta violência como – crime comum, crime organizado, violência doméstica e violação dos direitos humanos. (Ibid., 2010, p. 111). Considerando o aspecto desta pesquisa e seus objetivos, enfatizamos a categoria de violência urbana, uma vez que esta se faz presente no *locus* da investigação.

Santos (2009) introduz a problemática da violência urbana afirmando sua presença dentro de cidades de pequeno e médio porte, onde a disparidade socioeconômica e o crescimento do índice de violência gera ambiente propício aos atos diversos, os quais eram vistos pela população residente “somente por meio da mídia televisiva” (ibid. 2009, p. 238).

Pinheiro (2003) apud Santos (2009) vê a violência na urbe como agente modificador negativo da função da cidade, na qual a mesma aumenta em espaços privados e

diminui em espaços públicos (Ferraz, 2017, p. 3). Em pesquisa acerca da modificação da paisagem urbana em decorrência da violência, exemplifica este ponto:

Se de um lado as elites se protegem confinadas em fortalezas e *bunkers* urbanos contratando proteção e segurança particular de todo tipo, o poder público se encarrega dos pobres e miseráveis através de políticas públicas de repressão, recolhimento e confinamento, para mantê-los sob controle fora do campo de ação e de visão. (FERRAZ et al., 2017, p. 3)

Pinheiro (2003 apud SANTOS 2009, p. 238) leva em consideração a escassez de recursos públicos que a violência **ajuda** a perpetuar (grifo nosso). E por fim, o esfacelamento social que ocorre devido à morte de jovens e adultos por meio da violência, que também reflete naquelas cujas vidas tornam-se enlutadas através do efeito colateral da violência psicológica.

Santos (2009) e Cazal (2002) enveredam em suas pesquisas a questão econômica, quando abordam as táticas desenvolvidas/utilizadas para manutenção da sobrevivência no mundo padronizado e regido pelo capitalismo, e ‘romantizado’ por veículos de mídia [principalmente a *internet*, ou rede mundial de computadores]. Cazal traz como alguns reflexos a utilização de **mecanismos** como roubos, sequestros, ameaças, etc., como forma de **sobrevivência**. (ibid., p. 37, grifos nossos).

Além da abordagem econômica, a violência urbana tem grande poder nas relações sociais, se tratando do segundo e terceiro níveis do modelo ecológico das violências, uma vez que sua manifestação e permanência em determinado espaço – seja este no ambiente intrafamiliar ou no exoambiente (bairros, escolas, igrejas, locais de trabalho) – causa sensações e, por conseguinte, comportamentos evasivos e demonstradores do medo social gerado. Bauman (2006) traz como consequência da violência urbana a chamada ‘arquitetura de bunker’, onde as pessoas na cidade modificam os limites de suas residências em prol da segurança física e patrimonial. Ferraz et al. (2017, p. 13) investiga tal comportamento, construindo fortes críticas ao Estado, quando afirma que “[...] o sucateamento que atinge a segurança pública tem sido somado ao sucateamento de outras políticas públicas e sociais”.

Ainda sobre o fenômeno do medo social, Bauman (2006) confere sua visão em sua obra *Medo líquido*, esta que aborda o medo em diferentes níveis e situações – como terrorismo, guerra, violência, mudanças sociais e de doutrinas econômicas, além de suas consequências na psique humana do novo século. O termo ‘reciclado’, qual se refere ao medo construído social e culturalmente, remete ao termo usado por Lagrange (apud Bauman, 2006, p. 7), “medo derivado”. Segundo o autor

Uma pessoa que tenha interiorizado uma visão de mundo que inclua a insegurança e a vulnerabilidade recorrerá rotineiramente, mesmo na ausência de ameaça genuína, às reações adequadas a um encontro imediato com o perigo; o “medo derivado” adquire a capacidade da autopropulsão. (BAUMAN, 2006, p. 8)

Tomé Machado (2012) traça conexões entre a preocupação das pessoas acerca dos casos de violência dentro da cidade com a gênese do medo, desenvolvido a partir do temor, [mistificação e desinformação, como pontua Azevedo (2003, p. 19)], que a sociedade inconscientemente forma, afetando as relações coletivas e trazendo à tona o medo social. O estudioso afirma que o sentimento de medo possui certo grau de complexidade, onde este se manifesta de duas formas – sinal de alerta ou mesclado à ansiedade. O primeiro é causado por um acontecimento repentino dentro do ambiente em que a pessoa está, tendo como reação o instinto de fuga ou defesa (TOMÉ MACHADO, 2012, p. 49). Sobre a outra forma, o autor utiliza-se de conhecimento psicológico para explicá-lo, quando supõe que

[...]A ansiedade, portanto, é um pressentimento de perigo quando nada existe nas proximidades que justifique o medo. A necessidade de agir é refreada pela ausência de qualquer ameaça concreta. A violência urbana tem ampliado esta ansiedade a qual denominamos medo social. (TOMÉ MACHADO, 2012, p. 49)

Considerando toda a construção psicológica, simbólica e cultural do medo, e suas comprovadas consequências no espaço – desde sua construção física e objetiva até sua utilização– é possível compreender que este fenômeno ocorre de forma colateral ao fenômeno da violência e suas nuances. Migrando tais discussões sob o enfoque turístico, devemos nos lembrar que a atividade tem na cidade alguns de seus principais segmentos mercadológicos, os quais dependem de diversas propriedades. Com isto, avaliemos as discussões acerca da violência e suas impressões na atividade turística.

O autor aborda a questão do medo social em suas investigações sobre sua gênese e impactos no turismo. Baierl (2001) apud Tomé Machado (2012) consideram um agravante os atos corriqueiros da criminalidade somados à não-eficiência dos gestores e da polícia no combate à mesma. Em decorrência disso, e tratando aqui da urbe como objeto de demanda turística, ocorre o que se conhece como estereótipo turístico, sendo este termo relacionado diretamente aos conceitos de reputação turística. Tomé Machado (2012) traz um conceito valioso, onde

O estereótipo seria uma imagem largamente mantida, altamente deturpada e simplificada de algo que levaria a pessoa a ter uma atitude favorável ou desfavorável em relação a um objeto, a um produto, a uma instituição, a uma pessoa ou, no caso do turismo, a um lugar. (ibid., p. 49)

Este conceito pode ser confundido com o de imagem, no qual Kotler (1994) apud Tomé Machado (2012) informam como sendo de caráter mais pessoal, onde a visão de mundo, carga cultural e relações sociais causa variações, ao contrário do estereótipo, que é trazido como generalizado. O autor enfatiza o poder das mídias e dos novos canais de informação e entretenimento, quando diz que “[...] os meios de comunicação têm tido importante influência no processo de formação dos estereótipos nas sociedades contemporâneas” (TOMÉ MACHADO, 2012, p. 50).

Acredita-se que os processos violentos que ocorrem dentro de um espaço urbano acarretam em negatividade para com o estereótipo do mesmo, trazendo consequências na demanda, uma vez que influi na tomada de decisão de potenciais turistas (idem, 2013). Porém, o autor desconsidera que o possível apaziguamento da violência possa trazer benefícios nessa demanda, uma vez que o turismo, como atividade influenciadora e influenciada, apresenta-se “sujeita a externalidades” (idem, 2013, p. 227). As externalidades insurgidas pelo autor referem-se a fatores como saúde, nível cultural, atrativos diferenciados, *marketing*, segmentos turísticos presentes, hospedagem e alimentação, etc.

3. NA ESFERA TURÍSTICA

Segundo Beni (2000), os serviços complementares do turismo estão inseridos sob o conjunto de organização estrutural do SISTUR – esta que permite melhor entendimento e gestão dos setores públicos e privados na harmonização de produção dos diferentes serviços e produtos dentro do sistema de turismo (ibid. 2000, p. 99). Este conjunto compreende os serviços de segurança pública, em sua obra sumariamente abordados em forma de sistema.

Beni também afirma que a atividade turística tem relação direta ao surgimento de problemas na urbe, uma vez que a atividade se desenvolve dentro de um ambiente tangente e possibilita o surgimento de outros problemas, de ordem administrativa ou política (ibid., p. 107). Petrocchi (2001) à luz da teoria de sistemas na qual o SISTUR é inspirado, afirma que “todo sistema está envolto em outro, maior; sua abordagem holística, observamos que assim como pode ser dividido em subsistemas” (ob. cit., p. 26). O sistema desenvolvido por Mário Beni, uma vez que aporta diversos outros, é *subsistema* dependente do Estado como órgão gestor, tendo conexões horizontais e verticais.

Nos sistemas de turismo teorizados por diversos cientistas como Cuervo apud Acerenza, 1998; Beni, 2000; Boullón, 1997; Krippendorf, 1971; Leiper, 1981, a segurança está incluída sob as categorias de infraestrutura, outros serviços, e dentro de conjuntos (como o de organização estrutural (PETROCCHI, 2000, p. 22). Em outros porém, aparece subjetivo, uma vez que, sob abordagem turística, leva-se em consideração o ambiente, o mercado e a demanda, englobados pelos serviços essenciais à atividade. Lembramo-nos do subconjunto/subsistema de segurança dentro dos sistemas de turismo teorizados de forma a considerar as afirmações de diferentes pesquisadores da temática. Os estudos fundamentais acerca da atividade turística, em consoante com a teorização da mesma como sistema, abriram um leque de possibilidades científicas, nas quais Petrocchi (2001, p. 24) reconhece a multidisciplinaridade do turismo, afirmando que o mesmo “caracteriza-se pela confluência de inúmeras disciplinas que o influenciam”.

Determinados campos de estudo, como a sociologia e antropologia, têm possibilidades na pesquisa do turismo, e, igualmente, na pesquisa acerca da violência. Dencker (1998) apud Petrocchi (2001) afirma que a abordagem de diferentes disciplinas acerca de uma temática é esperada, podendo culminar numa unicidade disciplinar, em outras palavras, transdisciplinaridade. Assim, a investigação aqui relatada baseia-se nas inferências de diversos profissionais para pontuar em que pontos de interseção a atividade turística e o fenômeno da violência se deparam.

Cazal (2002) afirma que o turismo encontra-se numa encruzilhada na qual a crise econômica e o turismo são fatores relevantes, levando o turismo à degradação. Se tratando de crises, Glaesser (2008) sugere que o homem se naturaliza na crise, sendo esta uma oportunidade ambígua, que pode vir a ser positiva ou negativa. Em ambos os casos, existe a possibilidade de geri-la de forma a tratar ou prevenir o fato crítico, de forma a “alterar ou substituir seus resultados” (ob. cit., p. 37). Desse modo, a degradação intuída pelo autor supracitado pode ter diversas vertentes, cada uma possuindo seus próprios problemas e gargalos a serem sanados.

Ainda sobre possíveis cenários de crise, Glaesser (2008) traz a segurança como fator muito relevante na escolha do destino pelo potencial turista. Para ele “as atividades criminosas são componente invariável da vida diária, mas, no contexto do turismo, elas aumentam em termos de importância” (ob. cit. p. 61). O turista pode ser percebido pela população residente como vulnerável, devido a descoberta de um novo ambiente. Dessa forma, caso haja um incidente grave, o destino “passa a ser classificado de perigoso” (ob. cit. p. 62).

Tarlow e Muehsam (1996) em suas abordagens acerca da criminalidade no turismo, consideram duas categorias criminais que podem afetar o turista diretamente, sendo elas “[...] 1) Crimes planejados, como, por exemplo, o terrorismo; 2) Crimes de oportunidade, por vezes com recurso à violência, contra uma vítima desconhecida e em que o agressor tem alguma forma de gratificação, econômica, psicológica ou sexual”.

De acordo com Braz e Rodrigues (2010), no âmbito turístico existem diversas relações as quais constituem o mercado, e se desenvolvem no ambiente onde a atividade magnetiza a demanda, sendo esta relação entre a pessoa do turista, o ambiente em que ele intentou visitar (destino) e a população residente deste lugar, sendo esses núcleos regidos pela indústria turística e subsidiados pelos serviços infraestruturais.

Em diagrama desenvolvido pelos autores, são trazidas subdivisões para cada esfera, os quais ocorrem em dependência de variáveis como local e motivação, sob os quais as vítimas (não apenas turistas) estão sujeitos a crimes e situações adversas nas quais não têm controle de sua participação – terrorismo, motins, agitação política, etc. – que podem variar em sua gravidade. O conhecimento prévio de situações passadas ou possíveis situações presentes podem alterar o desejo do viajante, e até mesmo influir em seu processo de adiamento/cancelamento de viagem, se considerarmos o avanço da tecnologia e disseminação de informações através da *internet*.

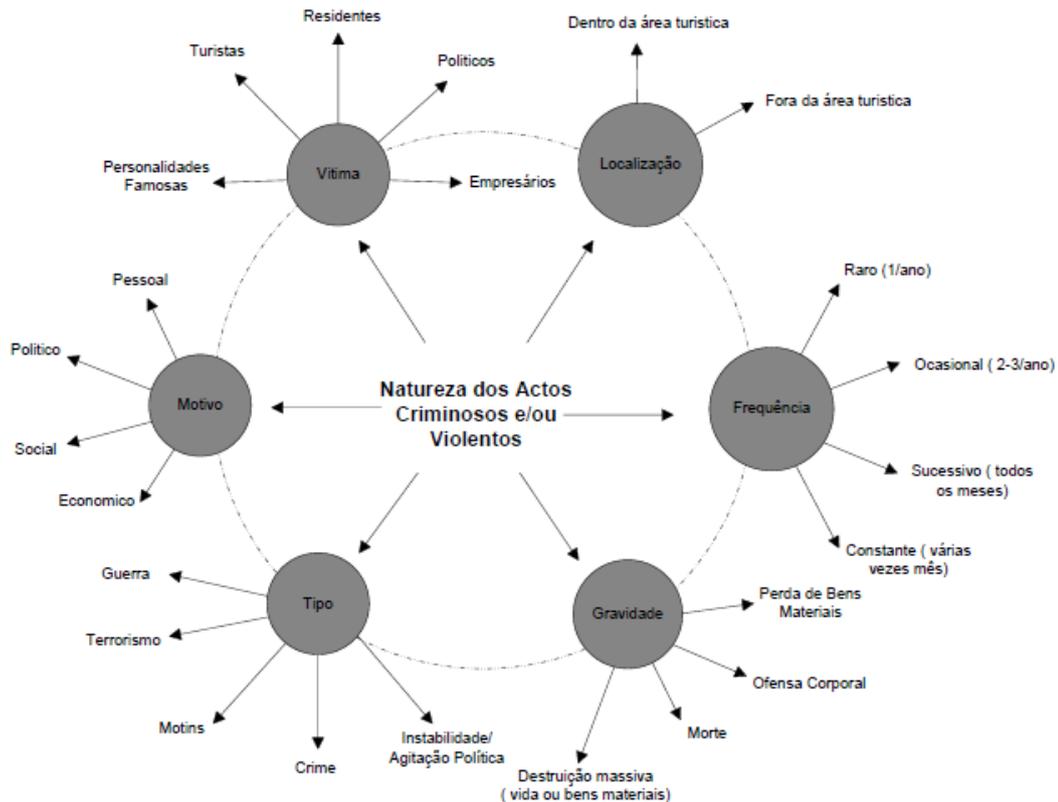


Figura 4 Atos de criminalidade contra turistas. Fonte: Brás e Rodrigues, 2010

Pizam (1999) identifica que as vítimas de atos violentos que ocorrem no loco dos destinos turísticos “[...] podem ser moradores da cidade, figuras políticas, personalidades famosas, turistas ou empresas e seus proprietários” (ob. cit. p, 7, tradução nossa). Tal constatação pode ser analisada da seguinte forma: o destino turístico, antes de tudo, é um ambiente urbano sujeito a diversos tipos de acontecimentos – violentos ou não – nos quais podem vitimar, esporadicamente, a turistas. O autor afirma que locais que são destinos geralmente sofrem com o estigma de locais inseguros [o que reforça estereótipos que podem perpetuar-se no mercado].

Sobre o efeito da violência na demanda, conclui que

Criminal/violent acts occurring at tourism destinations can have a range of effects on tourism demand all the way from having no effect - such as in the case of infrequent petty crimes - through a slight decrease in demand, a significant decrease, a drastic decrease, and ultimately the cessation of all tourist visitation. as in the case of constant terrorism or war. (PIZAM, 1999, p. 9)

Glaesser (2008) traz considerações acerca da demanda, onde esta possui certo nível de tolerância quanto à insegurança de determinados locais. Ainda, se determinados atos violentos se repetem, ou são de grande repercussão, afetam a aceitação da demanda turística de forma direta, causando o que Pizam afirmou acima, a diminuição da visitação e até mesmo o cessar da atividade no local.

Ryan (1993) em seus estudos sobre as relações entre terrorismo, violência e turismo, afirma que tal pode ocorrer de forma esporádica e incidental, como também pode manifestar-se de forma pontuada e objetiva, ou seja, onde o turista é o alvo das ações violentas. O autor traça alguns tipos de relacionamento entre o turismo e a violência (aqui considerada nas suas diversas formas, como discutido anteriormente). Ele enumera dessa forma

Type one: tourists are incidental victims of criminal activity which is independent of the nature of the tourist destination. In this case most crime is directed against the indigenous population, and is of a nature consistent with that found in non-tourist locations. Type two: a venue which is used by criminals because of the nature of the tourist location, but the victims are not specifically tourists. Type three: a location which attracts criminal activity because tourists are easy victims. A subset of this stage is the case where tourists are not only victims but also aggressors. In both cases, however, crime is comparatively unorganized; that is, most crime is committed by individuals or small groups, is opportunistic and primarily motivated by the acquisition of property. Type four: criminal activity becomes organized to meet certain types of tourist demand. Type five: organized criminal and terrorist groups commit specific violent actions against tourists and tourist facilities. (RYAN, 1993, p. 174)

Considerando o que foi colocado no relacionamento *tipo três*, os turistas podem não ser apenas vítimas, mas também agressores em potencial. Aqui podemos conjecturar sobre seus aspectos psicológicos e biológicos, e suas construções socioculturais, já abordados neste documento. Ryan (1993) exemplifica um caso onde turistas ingleses tiraram a vida de um taxista espanhol; situações como essa podem influir também nas relações entre países, como acordos comerciais e políticos, e denegrir a reputação do destino.

Dentro da tipologia de número cinco, onde os atos criminosos são direcionados especificamente a turistas ou ambientes turísticos, Glaesser (2008) traz como exemplos o grupo separatista basco ETA, que tem como alvo a atividade turística na Espanha, onde este escolhe a baixa temporada para suas ações, estas sendo imitadas por grupos como o peruano Sendero Luminoso (este de vertente mais violenta), e o grupo turco PKK. Estes grupos são considerados terroristas, uma vez que o terrorismo é “definido como atos criminosos, violentos ou ameaças feitas a pessoas, instituições ou objetos para intimidar ou desmoralizar o governo, a população, ou para atingir objetivos políticos ou sociais” (ob. cit. p. 63).

Pizam (...) acerca dos métodos utilizados por gestores dos destinos turísticos, e consequentemente pelo *trade* de determinadas localidades, afirma que

Uma vez que um destino é afetado por atos de crime e violência, um número de atitudes podem ser tomadas para minimizar o dano e revitalizar a indústria. Este estudo identificou três técnicas principais que foram utilizadas por destinos afligidos com diferentes graus de sucesso. Estes são uma combinação de disseminação de informação, publicidade e relações públicas, e marketing. (PIZAM, 1999, p. 10, tradução nossa)

O autor traz que a honestidade nas informações e a verdade trazem simpatia e credibilidade dos turistas, assim como dos veículos de mídia. As ações de publicidade geralmente ocorrem após uma situação disseminada pela mídia, e auxilia neste ganho de crédito, uma vez que o objetivo é informar de forma atualizada das situações que ocorreram e suas consequências, diminuindo assim possíveis estereótipos. Mas apenas isso não é suficiente: o *marketing* aplicado após tais ocorrências visa principalmente reafirmar o destino, às vezes utilizando-se de estratégias como promoções, diminuição de taxas, etc. (PIZAM, 1999).

Pizam (1999) afirma que, quaisquer consequências advindas da violência (sejam no quesito físico, como a infraestrutura do destino, interpessoal ou grupal) a sociedade, o trade e os governos podem traçar ações e estratégias para recuperar o mercado turístico. Em suas acepções, o autor pontua diversas ações, algumas delas semelhantes aos objetivos da ONU, que podem sanar gargalos que afetam a atividade ‘imediate’ do turismo, assim como seu desenvolvimento a longo prazo.

Dentro da esfera de segmentação de mercado, o turismo possui uma abordagem denominada *dark tourism*, no qual ambientes de morte e miséria passam a ter significativo interesse de viagem (ROBB, 2009, p. 51). Sobre a experiência no local, o referido afirma que a experiência em espaços onde ocorrem a prática do *dark tourism* não se dá de forma uniforme e padrão, mas traduz-se de forma subjetiva e individual (ob. cit., p. 52, tradução nossa). Essa visão pode ser relacionada ao conceito de imagem trabalhado em tópicos anteriores, no qual se manifesta diferentemente a cada pessoa. O autor afirma que esse tipo de turismo “poderá resultar na transformação da violência em mais uma atração, oprimida entre outras atividades turísticas comuns” (ibid., p. 54, tradução nossa).

Robb (2009) traz que “locais [que desenvolvem] dark tourism podem ser separados em diversas categorias, com características definidas na estrutura do local e experiência turística única para cada pessoa.” (ROBB, 2009, p. 54). O autor pontua que a modalidade mais comum dentro deste segmento é “interpretativa e histórica” (ob. cit. p. 54).

Na maioria das vezes essa tipologia de visitação ocorre em locais de importância quase museológica, entretendo o turista com aspectos históricos e detalhes específicos acerca de tragédias e ocorrências. Isso pode ir de confronto à prática dos códigos de ética que o órgão de turismo mundial (*World Tourism Organization*) esforça-se em disseminar. O autor coloca que devemos estar atentos quanto a esta tipologia, que pode colocar-se como perpetuadora da

justiça social e sensibilizante, mas pode mascarar o ‘aspecto recreativo e voyeurístico da violência’”. (ob. cit., p. 54, tradução nossa).

Ao contrário do aspecto violento, existe uma abordagem da temática sendo desenvolvida e disseminada, talvez como uma forma mais saudável e consciente dos aspectos violentos ao redor do mundo. Referimo-nos a pesquisas acerca da paz. De acordo com D’Amore (1988), tais pesquisadores sugeriram que o oposto da paz não é a guerra, como há muito disseminado através de máximas, mas sim a violência. No entanto, como podemos perceber pelo ano da pesquisa, tal abordagem não é recente, porém sua existência caminha para o alcance da discussão pelo mundo.

Uma prova disto é a formatação do documento Global Peace Index, que, de acordo com o sumário executivo, chega no ano de 2018 em sua décima segunda edição, no qual aborda diversos rankings sobre o nível de paz entre mais de cem estados e territórios independentes. O documento traz um resultado alarmante no ano de 2018, no qual o nível global de paz no ano de 2017 baixou em 0.27 percentual, onde noventa e dois países caíram no ranking, enquanto setenta e um demonstraram melhorias.

O relatório afirma que a renda per capita em países pacíficos é muito mais significativa do que em países que passam por conflitos internos e/ou externos. Sobre a situação do Brasil, o relatório pontua uma recuperação da recessão entre os anos de 2015 e 2017; traz os problemas político-partidários e os casos de corrupção interna e além fronteiras, os quais ocasionaram queda nas relações entre os países vizinhos da América do Sul. O relatório afirma que o Brasil tem alto nível de *terror político* e *instabilidade política* (GPI, 2018, p. 16).

A existência de um documento como este nos remete aos 17 objetivos propostos pela Organização das Nações Unidas (ONU), nos quais a atividade turística revela-se como uma das ferramentas que podem alcançar a diminuição de conflitos, o desenvolvimento sustentável, a geração de equidade, emprego e renda, entre outras possibilidades. No documento *International Handbook on Tourism and Peace*, desenvolvido pelo Centre of Peace Research em cooperação com a Organização Mundial do Turismo (UNWTO), encontramos diversos autores os quais consideram a atividade turística contribuinte à paz. Winterstein e Wohlmuther (2014) trazem uma impactante visão do turismo como ocasionadora da paz, quando expõem:

Se o turismo tem uma missão pela paz mundial, então deve ser de disseminar a ideia de (e para prover imagens estimulantes) da cidadania global: a beleza do planeta como um todo, a diversidade de culturas humanas e civilizações, a necessidade de

lidar com nossas diferenças em uma maneira política não-violenta – assim agindo como cidadãos globais. Turismo efetivamente contribui para a paz se e quando auxilia turistas, assim como hospedeiros, a aprender de forma conjunta que podemos fazer do mundo um lugar melhor para todos os seres humanos. (WINTERSTEIN E WOHLMUTHER, 2014, p. 42).

De acordo com as recomendações da ONU acerca dos 17 objetivos, o Turismo, como atividade e área de estudo, desempenha um papel importante nos aspectos ambientais, sociais, culturais e econômicos. O órgão coloca planos de ação para cidadãos, gestores, turistas, e, como agentes inseridos no contexto, à academia. Em seu site oficial, tais ações são disponibilizadas, onde afirmam que “Academia should advance research on the intrinsic relationship between tourism and the SDGs. Elaborating new curricula for education would empower youth to support the sector in its ability to drive progress towards 2030 and beyond.” (UNWTO, 2018).

Ainda, pontuam as ações da academia/sociedade civil e também companhias, sugerindo o treinamento e recrutamento de mão de obra local para inseri-los na cadeia produtiva; utilizar dos recursos (métodos e ações) para a saúde; promover a equidade entre gêneros; trabalhar conjuntamente em prol do uso sustentável da água; unir forças com a sociedade civil em prol da educação e do espírito empreendedor; e por fim, aos turistas, pedem que viajem com cuidado – sendo esta uma das máximas da Organização Mundial do Turismo.

Os chamados *Sustainable Development Goals* abrangem uma gama de problemas os quais o mundo atual enfrenta, desde a pobreza, fome e desemprego, até epidemias e falta de saneamento básico, o que toca nas desigualdades sociais e na chamada violência estrutural já mencionada. No trade turístico, cada área que a compõe possui ações específicas, algumas as quais se interpolam no mesmo objetivo. Os dois órgãos (ONU e OMT) definiram seis âmbitos: poder público e formadores de políticas públicas, companhias, doadores, viajantes, academia e sociedade civil.

Cada um destes possui seu próprio documento de ação disponibilizado no site criado com o propósito de chamada, afim de alcançar vários países desenvolvedores da atividade turística. Consideramos trazer alguns pontos entre os documentos da academia/sociedade civil e entidades governamentais, além do documento gerado para companhias (de pequeno ou grande porte). É válido salientar que os seis âmbitos têm possibilidades em todos os 17 objetivos, sendo o turismo, de acordo com o site do órgão, um alvo incluído nos objetivos 08, 12 e 14 – Trabalho Digno e Crescimento Econômico, Consumo Responsável e Produção, e Vida Subaquática, respectivamente.

Acerca do turismo e paz, é trazido no Objetivo 16 – Peace, Justice and Strong Institutions – algumas ações do poder público como diálogo público-privado na resolução de problemas e manutenção da paz, desenvolvimento de estratégias de gestão de crises, educar para a tolerância entre povos e ação coletiva anticorrupção. Neste mesmo objetivo, sob o âmbito da academia/sociedade civil, é trazido o seguinte:

Commit to and implement conflict-sensitive, lawful and transparent operational policies and practices, including on human resources, public and corporate procurement, and in the value chain more generally. Educate travellers on different cultures and beliefs, making them more tolerant towards each other and hence transforming them to agents of peace. (UNWTO, 2018)

Neste quesito é revisto a ação de educar para a tolerância e transformação dos viajantes em agentes da paz. Acerca deste objetivo sob o enfoque das companhias, é trazido o conceito supracitado, uma vez que acredita-se que tais ações podem ser aplicadas nos diferentes níveis da sociedade.

Voltando à discussão acerca das desigualdades sociais, D'Amore (1988) afirma que o turismo é uma “indústria intensiva de recursos humanos” (p. 154). Este traz que o turismo possui o dinamismo de ligar-se a outros setores, beneficiando-os e sendo beneficiado, além de ter a capacidade de gerar acordos de mercado internacionais. Dessa forma o autor afirma que “[...] propriamente desenvolvido, pode contribuir para o enriquecimento social e cultural assim como desenvolvimento econômico. Por estas razões, o turismo é altamente atrativo como indústria entre nações em desenvolvimento.” (D'AMORE, 1988, tradução nossa).

4. METODOLOGIA

A Grande Ilha de São Luís, que compreende os municípios de São Luís, Paço do Lumiar, São José de Ribamar e Raposa, e possuindo correlações à cidade histórica de Alcântara, possui uma gama de atributos para a o desenvolvimento da atividade turística. A história da capital do Maranhão, cuja fundação é francesa e colonização portuguesa, guarda em suas ruas, casarões, becos e azulejos marcas desses acontecimentos, sendo tal um grande atrativo para aqueles que se identificam com o segmento de turismo cultural. Da mesma forma podemos apresentar Alcântara, cujo sincretismo religioso e eventos dessa natureza atraem milhares de turistas por ano, assim como São José de Ribamar, cujos eventos atraem visitantes de todo o Maranhão.

Municípios como Raposa e São José de Ribamar guardam diversas riquezas naturais, como praias, mangues, dunas e rios, garantindo um passeio rico no quesito ambiental. Àqueles que buscam o segmento de turismo de sol e praia, ou até mesmo ecoturismo e turismo de aventura, encontram nestes locais ambiente propício ao relaxamento, lazer, ócio e uma gama de experiências satisfatórias.

Considerando a temática da pesquisa, é de se aferir que tais cidades possuem considerável taxa de atos violentos/criminosos, os quais afetam a população local, e, por conseguinte, os turistas também. Notícias diárias acerca de atos como homicídios, roubos, furtos, latrocínio, entre outros, preocupam os gestores públicos e interferem no comportamento social. Pode-se afirmar que o ambiente ‘civilizado’ da cidade não é mais sinônimo de segurança e ordem.

Em relação isto, a pesquisa aqui relatada utilizou-se de diversas investigações acerca do fenômeno da violência e seus impactos na vida social, no aspecto psicológico pessoal e coletivo, nas relações entre conhecidos e desconhecidos, e, primordial para o caminhar da pesquisa, sua relação com o fenômeno do turismo, o qual é escassamente estudado dentro da academia. A pesquisa se mostrou satisfatória no quesito bibliografia, sendo este o método primário no desenvolver de quaisquer investigações.

A busca de material bibliográfico se deu através da Biblioteca Central da Universidade Federal do Maranhão, onde foram encontrados livros que pudessem embasar os critérios acerca da atividade turística e, principalmente, afim de encontrar nestes termos como ‘violência’, ‘crime’, ‘terrorismo’, ‘medo’, os quais podem ser palavras-chave de suma importância dentro do lócus da busca. No ambiente eletrônico, utilizou-se de buscas em bancos de dados como Scielo, Scopus e Periódicos Capes. Nestes foram encontrados cerca de

15 artigos e teses referentes à violência, nos quais sete destes advém da base Scopus, meio internacional de divulgação científica, onde revistas de todo o mundo disponibilizam seus resultados, sendo estes passíveis de pagamento ou não para acessá-los.

No que tange a base de periódicos do Brasil, Capes, surgiram cerca de seis documentos que auxiliaram na visão dos pesquisadores acerca da sociedade e das construções sociais de diferentes lugares, mas, principalmente, do Brasil – uma vez que este banco de dados é indexado a diversas revistas e periódicos de diferentes níveis. Ainda sobre isso, o site de pesquisas indexadas Google serviu para localizar documentos de órgãos nacionais e internacionais, como Ministério do Turismo (MTur), Organização Mundial do Turismo (OMT/UNWTO), Organização Mundial da Saúde (OMS/WHO), etc.

Enfim, a partir do que foi levantado na pesquisa bibliográfica, desenvolveu-se questionário online acerca da opinião pública acerca do Centro Histórico da Capital São Luís, o qual contou com a participação de noventa e quatro (94) pessoas que tiveram acesso ao link da pesquisa, e responderam de forma anônima um total de quatorze questões, e puderam enfim colocar suas sugestões, críticas e ocorrentes pensamentos em um espaço aberto a opiniões no final do referido questionário. A quantidade de questões respondidas (as quais não tiveram caráter obrigatório, vale frisar) oscilou na quantidade, tendo uma média de dois pontos percentuais para mais ou menos.

A pesquisa se deu de forma quanti-qualitativa, uma vez que se buscou compreender aspectos da sociedade – alguns destes subjetivos e imensuráveis – por meio de perguntas abertas e fechadas. No que tange o caráter quantitativo, utilizou-se de ferramentas estatísticas para sumarizar o que foi respondido. Por considerarmos a questão um tanto delicada, preferimos pela descrição das identidades dos participantes.

As questões se desenvolveram da seguinte forma:

1 – As perguntas de um (01) a cinco (05) serviram como perfilamento dos participantes, com perguntas objetivas sobre seu sexo (não confundir com gênero); local onde reside; idade, escolaridade e raça.

2 – as demais perguntas de seis (06) a quatorze (14) buscaram coletar acerca do conhecimento e vivência das pessoas – transeuntes, visitantes, etc. – dentro do Centro histórico da capital. Nestas houveram questões primariamente fechadas, de múltipla escolha ou de seleção, uma vez que tratando-se da subjetividade dos sentimentos, era necessário um leque de escolhas.

Por conseguinte disponibilizamos um espaço de parágrafo a fim de conhecer as possíveis opiniões das pessoas acerca daquele espaço, ou até mesmo sobre o questionário o qual acabavam de responder.

Enfim, os dados obtidos foram expostos através de análise dos argumentos e colocações de diferentes autores. Também foram utilizados gráficos para melhor ilustrar os dados obtidos, para compreensão mais assertiva do que foi estudado.

5. RESULTADOS E DISCUSSÕES

5.1 PERFIL DOS PARTICIPANTES

Neste gráfico inicial é ilustrada a quantidade de pessoas participantes da pesquisa e suas respostas acerca do seu sexo. Aqui quis-se apenas um perfilamento de caráter básico acerca dos respondentes, uma vez que não é o foco da pesquisa o conhecimento acerca do gênero de cada participante.

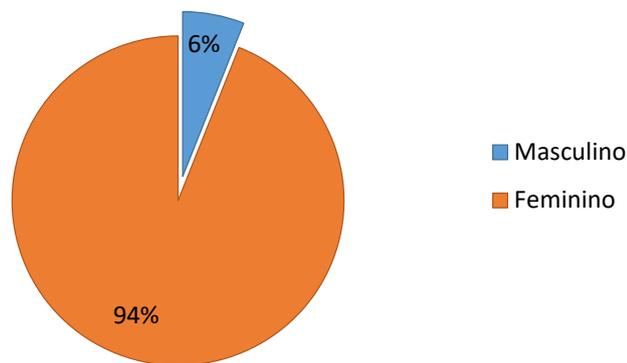


Gráfico 1 – Sexo dos participantes da pesquisa. Fonte: Autor.

No quesito idade, o que foi constatado é que grande parte dos visitantes do Centro Histórico, aqui referindo-se ao universo da pesquisa, têm idade entre 21 e 30 anos, ou seja, o local atrai pessoas jovens e adultos.

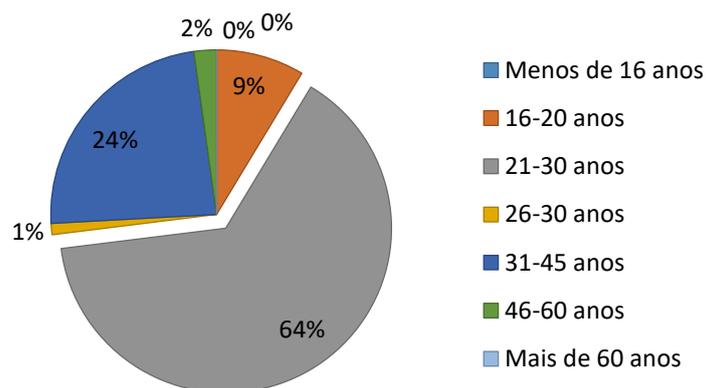


Gráfico 2 Idade dos participantes da pesquisa. Fonte: Autor.

Quanto à sua residência, na qual aqui estamos nos referindo à cidade onde se vive, uma absoluta maioria afirmou morar em São Luís, enquanto cidades como São José de Ribamar, Recife, Brasília e Viçosa também apareceram em pequeno número.

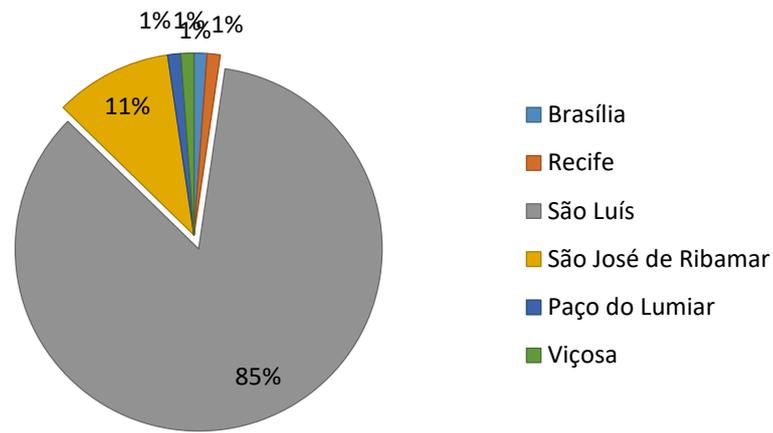


Gráfico 3 Locais onde residem os respondentes. Fonte: Autor.

Sobre o nível de educação dos participantes, considerável parte mostrou ser do nível superior, onde 41,9% destes possui diploma (Superior Completo), e 47% dos respondentes ainda não concluíram seus cursos de graduação (Superior Incompleto).

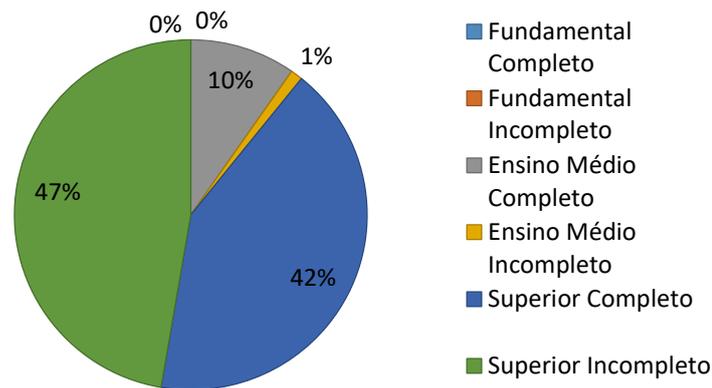


Gráfico 4 Grau de escolaridade. Fonte: Autor.

No que tange a auto afirmação acerca de suas raças, os respondentes demonstraram, considerando também onde residem, serem em sua maioria negros e pardos. Enquanto houve 01 (uma) resposta apenas acerca da etnia amarela, 23,7% afirmaram serem de cor branca.

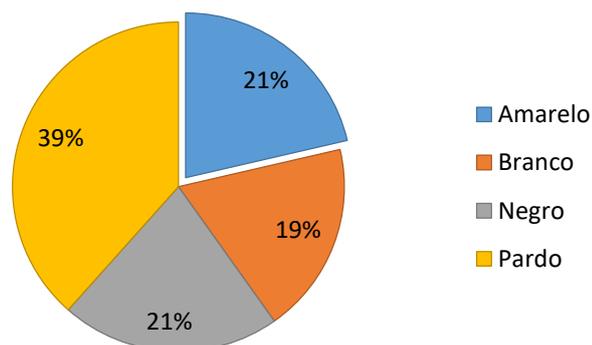


Gráfico 5 Raça/Cor. Fonte: Autor.

5.2 PERCEPÇÃO DE SEGURANÇA NO CENTRO HISTÓRICO

Na segunda parte do questionário visamos compreender a visão dos visitantes do Centro Histórico no quesito segurança/violência. Na questão relativa ao conhecimento dos participantes do Centro Histórico da Capital, a resposta teve em sua unanimidade o positivo. Sobre a frequência com que transitam pelo local, as respostas foram variadas, como vemos nos gráficos a seguir.

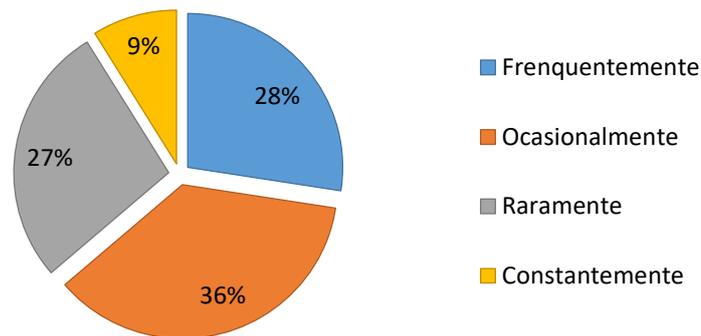
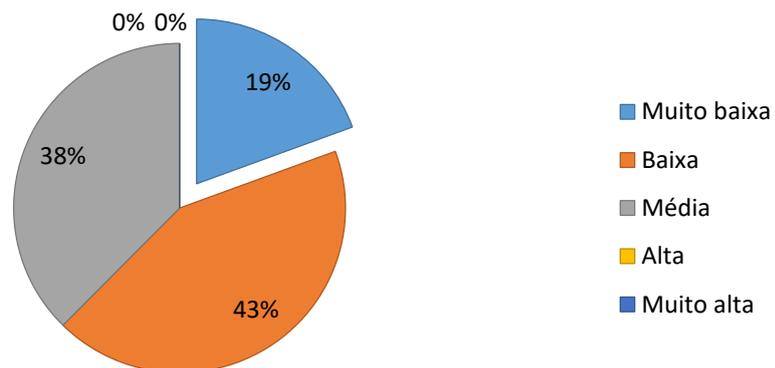


Gráfico 6 Frequência no local estudado. Fonte: Autor.

No que tange a sensação de segurança no local, os dados coletados pela amostra foram em sua maioria negativos – 87,1% – contra 12,9% de pessoas que percebem-se seguras ao transitarem nas propriedades do Centro Histórico da Capital. Perguntadas acerca da criminalidade e a questão de ter sido vítima de quaisquer tipos de violência no Centro Histórico (aqui englobamos agressão física/verbal, ameaça, assalto, assédio, “arrastão”, furto, roubo, etc.), houve um percentual de 64,5 para os que não sofreram, enquanto 35,5 afirmavam já terem sofrido algum tipo de violência frisadas acima. Estes exemplos se seguiram na pergunta, apenas a nível de recordação dos tipos para facilitar aos respondentes a compreensão da pergunta. Sobre a prestação de queixas, 93 por cento afirmaram que não o fizeram, enquanto 7 por cento afirmaram que geraram boletim de ocorrência.

Sobre a sensação de segurança no local, as respostas foram como se segue:



A pergunta seguinte era sobre os tipos de sentimentos negativos em que eles já tiveram como experiência no Centro Histórico da Capital, as quais se fizeram por meio de seleção entre as 8 principais opções: Apreensão, Descrença, Estresse, Indignação, Medo, Raiva, Tristeza e Outros aqui anexadas. No entanto, como visto, esta pergunta tinha a opção de inserir outras respostas, sendo as cinco últimas adicionadas pelos respondentes.

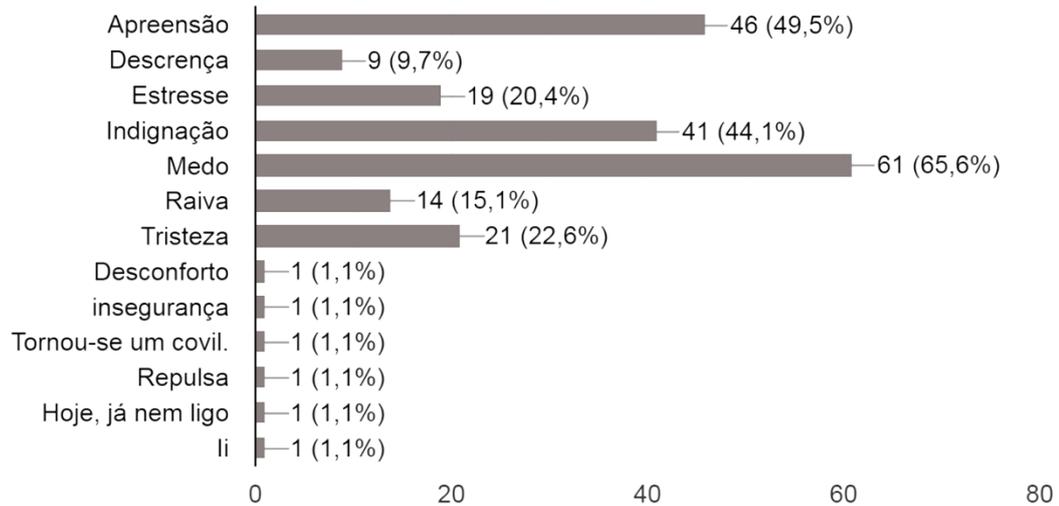


Gráfico 8 Sentimentos negativos e seus graus. Fonte: Autor.

Já no caso dos positivos, as opções foram Alegria, Encantamento, Curiosidade, Apreciação, Pertencimento, Interesse, Paz e Outros. Nesta questão surgiram o sentimento de apatia, talvez agregado à visão do local apenas como espaço de trabalho (“Nenhum, só trabalho no Centro”). Outra pessoa inseriu “Arquitetura”, o que podemos deduzir que fala da admiração pelos elementos que constituem a paisagem urbana dentro do Centro Histórico.

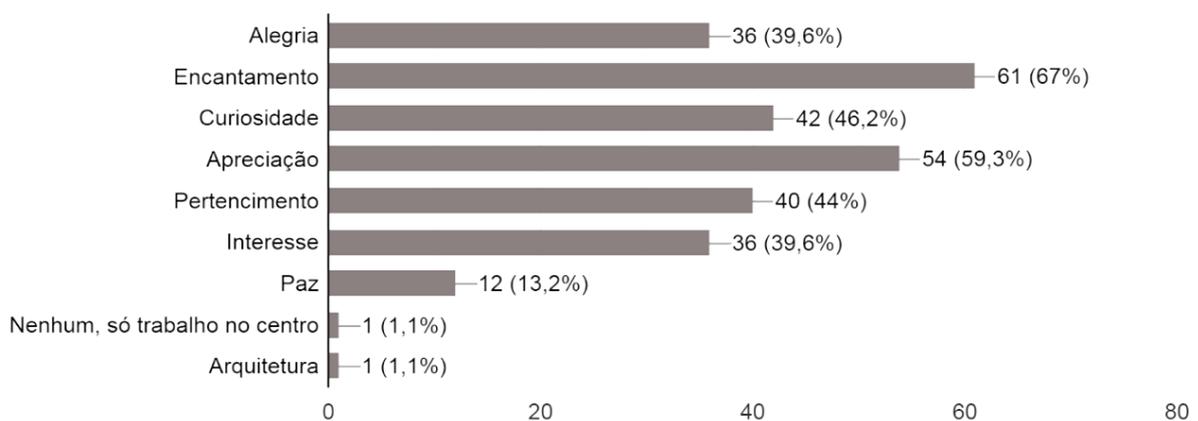


Gráfico 9 Sentimentos positivos vivenciados. Fonte: Autor.

No último quesito do questionário, perguntamos acerca da indicação da cidade de São Luís (aqui compreendido como o município no qual o Centro Histórico está localizado) a potenciais turistas e visitantes, recebendo uma resposta interessante, considerando que a pesquisa trata de violência. Apesar das respostas indicarem medo e apreensão dentro do local, e lembrando que a mesma manifesta diversas formas de violência, houve uma resposta positiva percentual de 72%, enquanto negativa de 5,5%. Dentro da amostra, 22,6% relataram “Talvez”.

Considerando as respostas de parágrafo longo acerca das sugestões e opiniões, decidimos por selecionar algumas, as quais se mostraram relevantes no contexto da pesquisa. Estas estão localizadas no anexo do presente trabalho.

5.3 NÚMEROS DA VIOLÊNCIA NA CIDADE

Nossas verificações acerca da violência em São Luís do Maranhão culminaram em dados sobre a incidência de casos na Grande Ilha, os quais disponibilizados nos sites do Governo do Maranhão, Polícia Civil do Maranhão e Secretaria de Segurança Pública, os quais trazem informações acerca do ano de 2018 sobre Homicídios e Crimes Violentos Letais Intencionais, estes sendo graves manifestações da violência uma vez que atentam contra a vida de outrem.

São Luís	Jan/18	Fev/18	Mar/18	Abr/18	Mai/18	Jun/18	Jul/18	Ago/18	Set/18	Out/18	Nov/18	Dez/18	Total
Homicídio doloso	28	22	17	22	28	29	9	13	22	28			219
Roubo seguido de morte	1	1	1	1	4	2	1	1	1	1			14
Lesão corporal seguida de morte	1	0	0	0	0	1	0	0	0	0			2

Figura 5 Crimes ocorridos na cidade de São Luís. Fonte: SSP -MA

A imagem a seguir é um extrato dos dados da Secretaria de Segurança Pública do Estado do Maranhão, o qual produz relatórios estatísticos com base no número e tipo de ocorrências. O documento que demonstra a metodologia da Secretaria supracitada, traz o seguinte conceito acerca de Crimes

A sigla CVLI foi criada em 2006 pela Secretaria Nacional de Segurança Pública (SENASP), vinculada ao Ministério da Justiça (MJ), com a finalidade de agregar os crimes de maior relevância social, pois além do homicídio doloso outros crimes

também devem ser contabilizados nas estatísticas referentes a mortes. Portanto, fazem parte dos Crimes Violentos Letais Intencionais o homicídio doloso, lesão corporal seguida de morte e o roubo seguido de morte “latrocínio”. (SSP –MA, 2013, p. 3)

Assim, é trazido o gráfico acerca desta modalidade de crime, atualizado no mês de novembro de 2018.

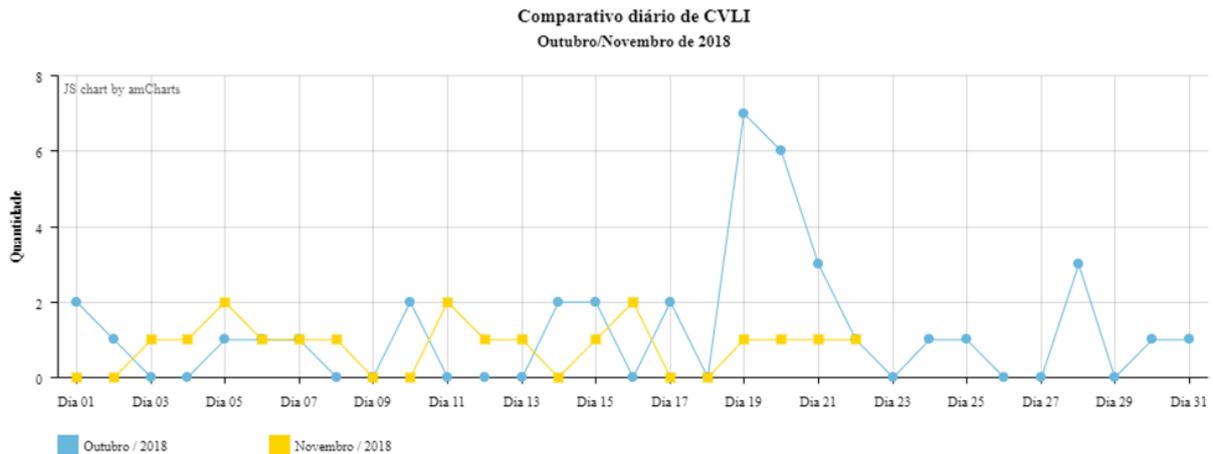


Figura 6 Estatística de CVLI. Fonte: SSP - MA

Considerando a natureza do trabalho, foram feitas visitas na Delegacia de Turismo, localizada na Rua da Estrela, número 427 Centro. No entanto, de acordo com a delegada presente nos momentos – cujo nome não revelamos por motivo de não-permissão explícita – o índice de casos era baixo, mas não exatamente um indicador da falta de ocorrência, uma vez que o turista, por desinformação, medo ou inércia diante do fato, pode deixar de prestar queixa. No entanto, a mesma nos permitiu acesso a um documento do Diário Oficial do Poder Executivo, no qual pontua o objetivo da delegacia.

Inserimos aqui um exceto do mesmo, apenas para o caráter esclarecedor.

À Delegacia Especial de Turismo, órgão diretamente subordinado à Superintendência de Polícia Civil da Capital, compete prestar assistência de natureza policial aos turistas nacionais e internacionais durante sua permanência na Ilha de São Luís, atuando como interveniente junto a outros órgãos policiais para o seu atendimento; proceder ao registro de ocorrência em que o turista figure como vítima; investigar crimes cometidos contra turistas, salvo expresso determinação superior, caso em que colaborará com o órgão designado. (D.O. Poder Executivo, 26 out. 1999).

6. CONCLUSÃO

A violência é um fenômeno complexo. É possível estudá-lo, encontrar os ambientes em que ela tende a desenvolver-se, compreender seus impactos, avaliar os danos. É possível conhecer e perfilar até os agressores que dela se utilizam e suas vítimas. Mas, em detrimento de todas as coisas citadas, existe dificuldade para combatê-la, diminuí-la, erradicá-la. É possível erradicar a violência?

Diversos autores deram suas opiniões e sugestões de possíveis abonos do fenômeno, alguns trazendo conceitos científicos acerca da paz, como Jiménez (2009) apud Barahona (2017), que considera conceitos de paz negativa (ausência de violência direta) e paz positiva (ausência da violência estrutural percebida). No entanto, reiteram que não existe a paz total e absoluta (ob. cit. p, 114). Dessa forma parecem sugerir que não existe paz se também não existir o outro lado, o conflito e violência, as quais inspiram a mudança. Sobre essa dualidade, a OMS critica que a complacência se mostra uma barreira na abordagem da violência.

Organizações mundiais num esforço mútuo desenvolveram documentos, guias e manuais trabalhando a abordagem da forma mais positiva possível, com enfoque nos direitos humanos básicos e qualidade de vida a ser provida. Sobre isso é perceptível que não há um esforço global efetivo para a aplicação dessas assertivas, considerando o aumento da violência em países do continente africano, países do Oriente Médio, e não menos relevante, nas Américas. Os países neste continente, de fato, têm os piores números no avanço para a paz.

Trazendo o turismo no cerne, lembramo-nos dos documentos acerca da Organização Mundial do Turismo e Organização das Nações Unidas. Nestes, os 17 objetivos são colocados como possíveis de avanço se unidas à atividade turística e seus efeitos positivos. Uma busca maior em seus meios eletrônicos e encontramos que existem três objetivos que a atividade turística abarca, sendo um deles o uso sustentável e limpo de ambientes aquáticos (rios, lagos, mares, etc.), trazendo à luz a questão da poluição ambiental e aquecimento global.

Ainda sobre estes documentos, é possível afirmar que, antes de tudo, o esforço contínuo para com os países é da diminuição da miséria, pobreza e desigualdades sociais. Tais diminuições implicariam no aumento de emprego e renda, saneamento básico e qualidade de vida, além de saúde e bem-estar, provocando ambientes mais saudáveis e embasados nos direitos básicos dos seres humanos. Não só nos direitos, mas, considerando as ações e decisões para tais melhorias, os deveres também.

No que tange à área sobre o qual abordou o questionário, Cardoso (2016, p. 60) afirma que “o centro histórico de São Luís ainda é um ambiente amplamente visitado pelos turistas, mesmo que sofra com a sazonalidade e com problemas estruturais em suas dezenas de ruas e casarões históricos”. Considerar apenas a cidade de São Luís e sua área de tombamento locais inseguros é estereotipar o destino, uma vez que a violência ocorre em todos os locais, em diferentes formas e tipos, como reafirmado pelos autores.

Cidades históricas como Lima – Peru, Paris – França, Ouro Preto, MG – Brasil, Salvador, BA – Brasil, Barcelona – Espanha, Istambul – Turquia, etc., possuem diferentes povos, culturas e necessidades sociais, as quais as ferramentas para saná-las podem ser deturpadas pela violência do ambiente. É deveras complexo compreender onde termina a necessidade e onde começa a maldade e patologia da violência, aspectos que devem ser analisados e minimizados.

No entanto, compreender as origens e ramificações da violência é um fator complexo por si só, uma vez que, considerando a cultura de cada população, certos atos são tolerados ou não, em detrimento ou conformidade do ethos social. A vida em sociedade constitui-se de diversos processos, os quais têm se alterado conforme mudanças físicas, estruturais, políticas e econômicas. Desenvolver e aplicar um modelo hegemônico poderia, em teoria, resolver determinadas questões. Mas que outros tipos de problemas poderiam surgir dessa padronização?

A realidade do Centro Histórico de São Luís como abrigo de perpetuadores da violência em suas formas interpessoais não é um fato isolado, uma vez que, trazendo a violência estrutural ao cerne, pode-se afirmar que esta se faz presente nos vários níveis – apenas ler as notícias e ver as mídias de comunicação para logo surgir uma série de acontecimentos violentos, desde o âmbito “Indivíduo” até situações de corrupção em empresas públicas, privadas e até mesmo dentro de órgãos de segurança (que parecem repetidos, de tão banalizado e comum que veio a se tornar).

Talvez o maior desafio a ser enfrentado seja a desconstrução dessa banalização, onde o olhar de uma pessoa sobre a outra não culmine no não-reconhecimento de si mesma, ou seja, a diminuição de ética e moral em detrimento do convívio social. Trabalhar o turismo em sua totalidade significa, neste caso, compreender o outro e seu espaço pessoal, de convívio, e seu lugar no ambiente social, de forma a se tornar ser consciente de seus direitos, deveres, e atos no mundo e nas diferentes esferas que este se insere.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria da Graça Blaya (Org.). **A violência na sociedade contemporânea** [recurso eletrônico] – Dados eletrônicos. Porto Alegre : EDIPUCRS, 2010.161 f. Disponível em: <ebooks.pucrs.br/edipucrs/violencia.pdf>. Acesso em: 02 set 2018.

AZEVEDO, Marco Antônio de. **Concepções sobre criminalidade e modelos de policiamento**. Psicol. cienc. prof., Brasília, v. 23, n. 3, p. 18-25, Set. 2003 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932003000300004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 12 set. 2018.

BARAHONA, Pedro Alejandro Villamizar. Turismo y paz: una apuesta para el desarrollo en la región de Urabá-Darién. **Revista Opera**, n. 20, p. 107-127, 2017.

BAUMAN, Z. **Medo líquido**. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

BENI, Mario Carlos. **Análise estrutural do turismo**. São Paulo: Senac/SP, 1998.

BRASIL. Ministério do Turismo. **Segmentação Turística – Cadernos e Manuais de Segmentação**. Disponível em: <<https://goo.gl/cejczy>>. Acesso em 20 out. 2018.

_____. **Marcos conceituais. Segmentação do Turismo e o Mercado** Disponível em: <<https://goo.gl/cejczy>>. Acesso em 20 out. 2018.

CAZAL, Gustavo Leon Escobar. **La violencia y la economía: Reflexiones no meramente económicas. Una aproximación al problema de la violencia**. Colombia Anuario Turismo Y Sociedad. ISSN: 0120-7555. Editorial Universidad Externado De Colombia v.5 fasc.1 p.33 - 43,2002. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5127381>>. Acesso em: 10 ago 2018.

COELHO, Elza Berger Salema, SILVA, Anne Carolina Luz Grüdtner, LINDNER Sheila Rubia (Org.). **Violência: definições e tipologias** [recurso eletrônico] / Universidade Federal de Santa Catarina; organizadores,. — Florianópolis : Universidade Federal de Santa Catarina, 2014. 32 p. Disponível em: < <https://ares.unasus.gov.br/acervo/handle/ARES/1862>>. Acesso em: 13 set 2018.

DAHLBERG, L. L. & KRUG, E. G. **Violência: um problema global de saúde pública**. Ciência & Saúde Coletiva, 11(Sup): 1163-1178, 2007. Disponível em: <www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-81232006000500007&script=sci_abstract>. Acesso em: 22 ago 2018.

D'AMORE, Louis J. **Tourism—A vital force for peace**. Tourism Management, v. 9, n. 2, p. 151-154, 1988.

FERRAZ, Sonia. **Quem tem medo de quem nas cidades de hoje? Políticas de segurança pública em tempos neoliberais**. CAHIERS ALHIM , v. 34, p. 1, 2017. Disponível em:<<https://journals.openedition.org/alhim/5802>>. Acesso em: 22 set 2018

GLAESSER, Dirk. **Gestão de crises na indústria do turismo**. Porto Alegre: Bookman, 2008.

GOMÉZ, J. M.; VERDÚ, M.; GONZÁLEZ-MEGIAS, A.; MÉNDEZ, M; **The phylogenetic roots of human lethal violence**. *Nature*, v. 538, pp. 233-7, 2016. Disponível em: <<https://www.nature.com/articles/nature19758>>. Acesso em: 02 set 2018.

KRUG EG, DAHLGERG LL, MERCY JA, ZWI AB & LOZANO R 2002. *Relatório Mundial sobre Violência e Saúde*. Organização Mundial de Saúde, Genebra.

LESSA, A.: **Arqueologia da agressividade humana: a violência sob uma perspectiva paleoepidemiológica**. *História, Ciências, Saúde — Manguinhos*, vol. 11(2): 279-96, maio-ago. 2004. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/hcsm/v11n2/03.pdf>. Acesso em: 10 ago 2018.

LEVISKY, David Leo. **Uma gota de esperança. A violência na sociedade contemporânea** [recurso eletrônico] – Dados eletrônicos. Porto Alegre : EDIPUCRS, 2010.161 f. Disponível em: <ebooks.pucrs.br/edipucrs/violencia.pdf>. Acesso em: 02 set 2018.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Conceitos, teorias e tipologias de violência: a violência faz mal à saúde individual e coletiva**. In: Sousa ER, organizadores. *Curso impactos da violência na saúde*. Rio de Janeiro: EAD/ENSP; 2007. p. 24-35. Disponível em: <www1.londrina.pr.gov.br/.../205631-conceitos_teorias_tipologias_violencia.pdf>. Acesso em: 24 ago 2018.

PAVIANI, J. **Conceitos e formas de violência** [recurso eletrônico]: / org. Maura Regina Modena. – Caxias do Sul, RS: Educus, 2016. Disponível em: <https://www.ucs.br/site/midia/arquivos/ebook-conceitos-formas_2.pdf>. Acesso em 14 set 2018.

PETROCCHI, Mario. **Gestão de pólos turísticos**. São Paulo: Futura, 2001.

PIZAM, Abraham. **A comprehensive approach to classifying acts of crime and violence at tourism destinations**. *Journal of travel research*, v. 38, n. 1, p. 5-12, 1999. Disponível em: <<https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/004728759903800103>>. Acesso em: 04 set 2018.

ROBB, Erika M. **Violence and recreation: Vacationing in the realm of dark tourism**. *Anthropology and Humanism*, v. 34, n. 1, p. 51-60, 2009.

RYAN, Chris. **Crime, violence, terrorism and tourism: an accidental or intrinsic relationship?** *Tourism Management*, v. 14, n. 3, p. 173-183, 1993.

SACRAMENTO, Livia de Tartari e; REZENDE, Manuel Morgado. **Violências: lembrando alguns conceitos**. *Aletheia, Canoas*, n. 24, p. 95-104, dez. 2006. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-03942006000300009&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 07 set. 2018.

SANTANA, G., &TARLOW, P. E. (2002). **Providing safety for tourists: A study of a selected sample of tourism destinations in the United States and Brazil**. *Journal of Travel Research*, 40(4), 424-431.

SANTOS, Itamar Rocha. **Aspectos da violência urbana**. Cadernos de Ciências Sociais Aplicadas Vitória da Conquista-BA n. 5/6 p. 237-250 2009.

SANTOS, Matheus Vinicius Cardoso dos. **A percepção dos turistas em relação a hospitalidade nas pousadas do Centro Histórico de São Luís - MA**. – São Luís, 2016. 68f. Monografia (Graduação) – Curso de Turismo, Universidade Federal do Maranhão, 2016.

SANTOS, Valdenses Ribeiro, SILVA, Jersone Tasso Moreira. **A Influência da Violência e Criminalidade na Demanda Turística na Cidade do Rio de Janeiro**. Trabalho apresentado ao GT06 “Segurança e Riscos Turísticos como Responsabilidade Social e Coletiva” do IV Seminário de Pesquisa em Turismo do MERCOSUL – Caxias do Sul, 7 e 8 de julho de 2006. Disponível em: <https://www.ucs.br/ucs/tplSemMenus/eventos/seminarios_semintur/semin_tur_4/arquivos_4_seminario/GT06-1.pdf>. Acesso em: 13 set 2018.

SUDBRACK, Aline Winter. **As Vítimas Do Ódio: Violência, Estado E Vulnerabilidade Social No Brasil** *violência na sociedade contemporânea* [recurso eletrônico] – Dados eletrônicos. Porto Alegre : EDIPUCRS, 2010.161 f. Disponível em: <ebooks.pucrs.br/edipucrs/violencia.pdf>. Acesso em: 02 set 2018.

Tarlow P, Santana G. 2002. **Providing safety for tourists: a study of a selected sample of tourist destinations in the United States and Brazil**. Journal of Travel Research 40 (4): 424–431.

TOMÉ MACHADO, Marcello de Barros. **Medo Social e Turismo no Rio de Janeiro: Tourism & Management Studies**. Faro: Universidade do Algarve, n.8, 2012, n.p. Disponível em: <<https://goo.gl/JF7BgZ>> Acesso em: 14 out 2018.

WINTERSTEINER, WERNER; WOHLMUTHER, CORDULA. **Peace Sensitive Tourism: How Tourism Can Contribute to Peace**. International Handbook on Tourism and Peace. World Tourism Organization (UNWTO), DRAVA, 2013.

_____. **International handbook on tourism and peace**. Klagenfurt/Celovec, Austria: Drava Verlag/Založba Drava. ISBN, 2014.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **World report on violence and health: summary**. Geneva, World Health Organization, 2002.

APÉNDICE

PERFIL DO VISITANTE DO CENTRO HISTÓRICO DE SÃO LUÍS: Opiniões acerca da violência

Este questionário faz parte da pesquisa para finalidade monográfica desenvolvido pelo discente de Turismo da Universidade Federal do Maranhão Marllon Alves, sob o título "A Violência Urbana no Centro Histórico de São Luis – MA: Desafios e Ameaças no Setor Turístico".

A pesquisa é rápida e objetiva. Compartilhe o link com seus amigos!

<https://goo.gl/forms/73ex1X86RRfyP5r72>

Sexo

- Feminino
- Masculino

Cidade onde reside

Sua resposta

Idade

- Menos de 16 anos
- 16-20 anos
- 21-30 anos
- 31-45anos
- 46-60 anos
- Mais de 60 anos



Escolaridade

- Fundamental Completo
- Fundamental Incompleto
- Ensino Médio Completo
- Ensino Médio Incompleto
- Superior Completo
- Superior Incompleto

Cor/Raça

- Negro
- Branco
- Pardo
- Amarelo

Você conhece o Centro Histórico de São Luís?

- Sim
- Não

Com que frequência visita o Centro Histórico de São Luís?

- Frequentemente
- Algumas Vezes
- Raramente
- Constantemente



Você sente-se seguro no Centro Histórico de São Luís?

- Sim
- Não

Como avaliaria a sensação de segurança neste local?

- Muito Baixa
- Baixa
- Média
- Alta
- Muito Alta

Você já sofreu algum tipo de violência no Centro Histórico? (Aqui se englobam agressão física/verbal, ameaça, assalto, assédio, "arrastão", furto, roubo,, etc.)

- Sim
- Não

Caso afirmativo, você chegou a prestar queixa (boletim de ocorrência)?

- Sim
- Não

Quais sentimentos negativos você experimenta/ experimentou no Centro Histórico? (Assinale)

Apreensão

Descrença

Estresse

Indignação

Medo

Raiva

Tristeza

Outro:

E quais positivos?

Alegria

Encantamento

Curiosidade

Apreciação

Pertencimento

Interesse

Paz

Outro:

Você indicaria a cidade de São Luís para algum POTENCIAL turista?

- Sim
- Não
- Talvez

Você tem alguma consideração a fazer?

Sua resposta

ENVIAR

Nunca envie senhas pelo Formulários Google.

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google. Denunciar abuso - Termos de Serviço

Google Formulários

ANEXO

ANEXO 1: Considerações feitas pelos respondentes

“A cidade pode rever essas questões de segurança para deixar o centro histórico mais seguro, como por exemplo, aumento do efetivo policial que faz a segurança do mesmo, para assim ajudar no desenvolvimento da cidade de São Luís como potencial turístico.”

“Quanto a segurança, já melhorou muito com mais policiamento, mas ainda ocorrem assaltos e arrastões.

“O centro histórico é lindo, e tem muito a ser feito não só por ela mais pela ilha do amor. A questão dos vândalos e dos moradores de ruas que por ali ficam deixa muito a desejar fica com aparência de cidade largada.”

“O centro histórico é lindo, deveria ser melhor conservado e apesar de terem aumentando os policiais a gente ainda não se sente seguro o suficiente. Mas é um lugar que merece ser visitado.”

“Sim. Melhor conservação do centro histórico.”

“A violência urbana leva a um alto nível de desconforto durante a experiência turística, a qual, embora seja uma experiência interessante de apreciação, é prejudicada pela influência de aspectos negativos ligadas à violência, insegurança e medo que impedem o turista de explorar os espaços históricos localizados nas áreas tombadas de São Luís.”

“Há centros históricos mais perigosos que o de São Luís”

“A falta de valorização dos pontos turísticos por parte da população e dos órgãos públicos gera um sentimento de vergonha em mostrar esta cidade pra qualquer visitante. Afinal, quem quer apresentar um centro histórico que cheira a urina e cujas casas estão se desfazendo ou já se desfizeram e viraram estacionamento?”

“Acredito que a melhor maneira de diminuir consideravelmente a violência e outros indicadores negativos seja com a verdadeira ocupação do Centro Histórico. Desde negócios a habitações, algo que mantenha a vida e transforme de maneira real todas as ruas e casarões.”

“Melhorar a segurança quanto a situação de roubo. A polícia se preocupa muito mais com porte de drogas.”

“Sem dúvida a segurança é algo que assusta a maioria das pessoas que visitam o Centro Histórico. Eu sempre recomendo a visita, mas alertando sobre os perigos.”

“Deve melhorar, a segurança, iluminação; Revitalização dos casarões”.

“Nasci em São Luís, moro em Minas Gerais e sempre que volto a cidade, vou ao centro histórico. Gosto de andar pelas ruas, ver os prédios, museus, olhar o artesanato. Porém a insegurança faz com que eu vá cedo e também retorne cedo, não apreciando as apresentações culturais que ali tem.”

“Que os governantes fizessem mais projetos para o turismo, com políticas públicas que envolvessem mais revitalização, interesse, atenção e segurança”

“O Centro Histórico de São Luís é lindo, e ficaria ainda mais se tivesse mais segurança e cuidado.”

“Indicaria sim, porém com recomendações de locais, horários e dias para que a pessoa não corra o risco de ter uma má experiência na cidade.”

“A cultura está bastante presente no Centro Histórico, mas precisa transmitir bastante segurança pra os visitantes.”

“A nossa cidade é linda e atrai muitos olhares. É substancial que sejam tomadas atitudes que viabilizem a possibilidade de recebermos gente de fora, acolhendo-os bem. E não só, que possamos usufruir dessa riqueza histórica e cultural sem medo e com segurança.”

“Os cidadãos são-luisenses juntamente com os governos deveriam olhar para o centro histórico com mais carinho, conservando cada canto deste museu a céu aberto que afinal não é só nosso, pertence ao mundo todo.”

“Precisamos de mais sentimentos de pertencimento!”

“Que esse trabalho leve impacto para o Centro histórico, pois hoje não frequento devido a medo e a insegurança do local. Um trabalho nas comunidades de reeducação e levar uma forma de trabalho voltado para o turismo.”